

**DISSERTAÇÕES SOBRE A *BUSCA DA VERDADE*,
CONTENDO A HISTÓRIA E OS PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DOS
ACADÊMICOS,
COM VÁRIAS REFLEXÕES SOBRE AS OPINIÕES DO SR. DESCARTES,
PELO SR. FOUCHER, CÔNEGO DE DIJON.
PREFÁCIO E LIVRO I.**

Tradução:
Felipe Santos Almeida
IFAL
Email: filfismu85@gmail.com

Rodrigo Pinto de Brito
UFRRJ
Email: www.rodrigobrito@gmail.com

Índice:¹

Prefácio: p. 86

Livro I: Contendo a história dos acadêmicos: p. 89

Capítulo 1. Do propósito e da ordem desta obra: p. 89

Capítulo 2. De onde vem o nome da Academia e quais são os acadêmicos de que se deve falar: p. 92

Capítulo 3. Do número, do propósito e da diferença das Academias, p. 94

Capítulo 4. Da Academia de Platão, p. 96

Capítulo 5. Os Discípulos de Platão, p. 99

Capítulo 6. Pólemon, Crates, Crantor: Acadêmicos da Antiga Academia, p. 103

Capítulo 7. Arcesilau e sua Academia, p. 105

Capítulo 8. Os Discípulos de Arcesilau, p. 109

Capítulo 9. Da Terceira Academia e de Carnéades, que era seu chefe, p. 111

¹ Os tradutores gostariam de agradecer a William de Siqueira Piauí (UFS), Marcos Ribeiro Balieiro (UFS), Plínio Junqueira Smith (UNIFESP) e Marcelo de Sant'Anna Alves Primo (UFS) por terem gentilmente aceito compor a banca de Mestrado no PPGF-UFS no qual a presente tradução foi discutida. Ademais, agradecemos também a Carol Martins da Rocha (UFJF), pela atenta revisão e sugestões. Embora este trabalho tenha se beneficiado imensamente de toda essa ajuda, todos os erros e enganos são de responsabilidade dos autores.

Capítulo 10. Da quarta academia, instituída por Fílon, p. 115

Capítulo 11. A Quinta Academia: Antíoco, p. 116

Capítulo 12. De Varrão, em relação aos Acadêmicos, p. 118

Capítulo 13. De Cícero, a saber, se devemos considerá-lo como líder da Academia, p. 119

Capítulo 14. De Santo Agostinho em relação aos acadêmicos, p. 121

Capítulo 15. Sobre o Sr. Descartes, a saber, se devemos considerá-lo um acadêmico, p. 122

Capítulo 16. Sobre alguns autores que falaram dos acadêmicos de acordo com as opiniões vulgares, p. 122

Dissertações sobre a *Busca da verdade*, contendo a história e os princípios da filosofia dos acadêmicos, com várias reflexões sobre as opiniões do sr. Descartes, pelo sr. Foucher, cônego de Dijon, 1693.

PREFÁCIO²

Aqueles que estão acostumados ao estilo dogmático e que pretendem tratar a respeito das coisas à maneira dos escolásticos, não acharão, talvez, estas *Dissertações* muito [adequadas] ao seu gosto. Mas não se surpreenderão, mesmo porque eles não estão inseridos na maneira de escrever que Platão e os acadêmicos puseram em uso, e que eu me incubi de imitar tanto quanto pude. Eles imaginam, a princípio, que só há para dizer e disseminar um grande número de verdades, como se os homens naturalmente não se enchessem de falsas noções e se encontrassem sempre dispostos a receber alegremente as sementes preciosas que se gostaria de lançar em seus espíritos. Mas enganam-se quanto a isso, pois é frequentemente necessário [serem] conduzidos por vias totalmente diferentes das que pensam, para obrigá-los a penetrar fundo³ em algumas verdades importantes, cuja fecundidade deve enriquecê-los com uma infinidade de conhecimentos que não prevêem. Com efeito, às vezes é necessário se servir da linguagem figurada e do emprego de episódios⁴ para esclarecer a questão e torná-la menos espinhosa e menos árida, descontraindo-os e levando-os a fazer as reflexões necessárias a partir do seu próprio movimento. O mesmo é que acontece com os pintores que se agradam ao bem desenhar um rosto e que, ao representar com naturalidade seus traços, parecem brincar em todo o resto,

² Neste prefácio, Foucher demonstra sua preocupação com a clareza da exposição e compreensão de suas ideias, apoiando-se em uma didática inspirada no estilo de escrita de Platão e dos céticos acadêmicos por considerá-lo o mais apropriado para esta finalidade. É através do uso da linguagem figurada, de exemplos “episódicos” passados e de comparações que Foucher, “imitando” a maneira dos antigos habitantes da Academia, conduz o seu leitor no mergulho das profundezas do conhecimento, no esclarecimento das difíceis questões filosóficas, muitas vezes “áridas e espinhosas”, mas que, em que pese tudo isso, venha a estimular a reflexão do interlocutor de uma maneira “descontraída” a partir de sua própria realidade.

³ Lit.: *pour les obliger de bien penetrer certaines veritez.*

⁴ Lit.: *se serve du stile figuré, et que l'on employe des episodes.*

circunscrevendo um retrato com floreios fantásticos, com cabeças de pássaros⁵ ou, se o desejarem, com verdadeiras quimeras; de maneira semelhante, os acadêmicos se limitam em dizer em bons termos e de expressar, da maneira mais justa possível, as verdades fundamentais, tomando a liberdade de introduzir características e comparações históricas, que parecem servir para dar mais peso e mais relevância às questões importantes; apesar de tudo, elas ainda são as melhores na fixação da imaginação e em conservar a memória das reflexões que podem ser feitas. Além disso, não se deve de maneira nenhuma estranhar se houver repetição de algumas razões ou algumas passagens, pois isso é necessário quando se trata de filosofia e, se alguém duvida, basta remetê-lo a Platão, a Aristóteles, a Lucrécio, a Sexto Empírico, ao Sr. Descartes e, em geral, a todos os filósofos que efetuaram o combate às preconceções⁶ de sua época. Os erros comuns não são eliminados com o primeiro golpe⁷, e quando se tem a pretensão de mudar as ideias, é necessário que se lance muitas vezes a vista sobre os princípios. Numa palavra, desejo que os leitores se dediquem unicamente em examinar bem⁸ se minhas proposições fundamentais são verdadeiras e que eles não desanimem caso encontrem aqui algo que lhes pareça inútil, pois frequentemente aquilo que é inútil para uns não o é para outros; e não se deve dar importância exclusivamente às demandas daqueles considerados como os mais hábeis - dos quais a ciência é, normalmente, demasiado arrogante e por demais desequilibrada -, mas também [considerar] a utilidade dos que estão apenas iniciando seu aprendizado.

Por outro lado, advirto que as *Dissertações* deste volume são diferentes das primeiras⁹ quanto àquilo que visam diretamente estabelecer, de modo que devemos entendê-las como uma introdução à filosofia dos acadêmicos; uma vez que as primeiras estão relacionadas com certos livros particulares, podemos poupar-nos de sua leitura, desde que estejamos isentos de suas preconceções, as quais se quer combater. Mas sempre é possível fazer um bom começo a partir delas, vendo-as de maneira separada. Finalizo este prefácio com um extrato da carta de Santo Agostinho remetida a Hermógenes¹⁰, sendo impossível aqui dizer algo melhor e mais preciso.

⁵ Lit.: *de testes d'oiseaux*.

⁶ A partir de consultas aos dicionários de francês e bilingue francês/português (respectivamente, NOUVEAU PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉ, 1952; LAROUSSE, 2008), podemos constatar que o substantivo masculino *préjuge* (*préjugé*, na escrita atual) admite como traduções possíveis “preconceito” e “preconcepção”. A primeira abarca o sentido pejorativo e de cunho moralista, como a opinião ou o sentimento desfavorável, de suspeita, intolerância e aversão a algo ou alguém. A menos que seja expresso oportunamente, com a indicação em nota de rodapé do vocábulo em francês, optamos pela segunda tradução que, afastando-se de pejorações e moralismos, indica um julgamento por meio de conjecturas e formulações mentais aceitas por alguém e/ou compartilhadas por um grupo de pessoas em determinada época e lugar, e que se antecipam ao exame experimental e/ou racional.

⁷ Lit.: *On n'enleve pas au premier coup les erreurs communes*.

⁸ Lit.: *à bien juger*.

⁹ Estas *Dissertações sobre a busca da verdade, contendo a história dos acadêmicos (...)*, de 1693, compõem o último livro publicado por Foucher, e podem ser consideradas sua obra fundamental à medida que reúne e sistematiza as ideias essenciais de dissertações e textos filosóficos anteriores. Nesta última dissertação Foucher acrescenta sua versão da história dos filósofos acadêmicos, tornando-a sua obra mais completa.

¹⁰ Trata-se aqui de um trecho (a quase totalidade, na verdade) traduzido em francês do texto latino da *Epístola 1* (LETTERE [1-70] Introd.: M. Pellegrino - Traduz.: T. Alimonti - L. Carrozzi - Note: L. Carrozzi Roma 1969, 1992 (2), pp. CXX-568), datada entre 386-387 e dividida em três partes, nas quais Santo Agostinho, após ter concluído a escrita do livro *Contra os Acadêmicos* (em Cassiciaco, há cerca de 20 km de Milão, entre novembro de 386

Ao falar sobre os acadêmicos, este padre doutor diz: “O que me faz reverenciar tanto esses grandes homens é [o fato de] que estou persuadido de que suas opiniões¹¹ eram totalmente diferentes das que lhe são comumente atribuídas. Pois me parece que, no ponto em que as coisas estavam naquele momento, eram melhores que as correntes da verdade que podiam emanar das fontes de Platão, fluindo pelo meio dos arbustos e por entre as espinhos, para servir a algumas pessoas sensatas, que se espalham em um plano no qual elas teriam sido confundidas e arruinadas pelos rebanhos de bestas, *irruentibus passim pecoribus, nullo modo posset liquidum purumque servari*¹². Mas atualmente”, continua ele, “vemos somente filósofos, que o são apenas por hábito e que me parecem muito indignos de um título tão nobre¹³, acredito que é bom trazer a esperança de encontrar a verdade àqueles que podem ser deixados persuadir pela sutileza dos acadêmicos, que pensam erroneamente ter renunciado a todos os tipos de ciência, e sustentado que o homem era incapaz de alcançar algum conhecimento certo; alternativamente, aquilo que era sabiamente empregado para extirpar os erros profundamente enraizados, atualmente serve apenas para fechar o espírito àquilo que há de mais certo e de mais bem conhecido. Todas as seitas, em sua época, se aplicaram com tanto ardor à busca de verdades sólidas que tudo o que havia a temer era que não se tomasse o falso pelo verdadeiro; e é o que os acadêmicos tentaram evitar. Mas, atualmente, teme-se tanto a tristeza e negligenciam-se fortemente as ciências que tão logo saberemos se os filósofos, muito hábeis, têm acreditado que os homens são incapazes de nada conhecer com certeza, eis os espíritos afastados para sempre de tudo o que se quereria ensinar-lhes. Pois eles não presumem ter mais luz e penetração do que estes filósofos, nem poder descobrir aquilo que Carnéades, mesmo com intenso trabalho de espírito, tempo livre e estudo no decorrer de uma longa vida¹⁴ não foi capaz de encontrar. Que se eles chegam a ser tomados por sua preguiça de ler os livros¹⁵ em que estes filósofos parecem estabelecer que o conhecimento da verdade é interdito aos homens, isso os lança em tão profunda sonolência que nada é capaz de despertá-los... Ademais, não me vanglorio de ter triunfado [sobre] os acadêmicos em minha obra¹⁶... Mas, pelo menos, estou grato em saber que rompi o vínculo odioso que, me fazendo perder as esperanças em conhecer a verdade, me impedia de abraçar o

e março de 387) endereça-a a Hermógenes explicando-lhe (parte 1) o uso da linguagem pelos acadêmicos, (parte 2) os perigos que essa linguagem possui na atualidade dos dois correspondentes e (parte 3) o pedido que Agostinho faz a Hermógenes para julgar um trecho final do seu livro recém escrito *Contra os Acadêmicos*.

¹¹ Bastante comum na língua francesa e recorrente no jargão da Filosofia Moderna, o vocábulo *sentiment* permite alguns dos sentidos: 1. Sentimento (movimento interno da alma sem a interferência dos sentidos); 2. Sensação/impressão (ação de sentir ou receber pelos sentidos uma impressão agradável ou penosa); 3. Opinião (ponto de vista; modo de pensar a respeito de algo ou alguém; juízo formado; conceito; pensamento comum de um grupo de pessoas). Em nossa tradução, optamos vertê-lo por “opinião” como um conjunto de ideias, conceitos e princípios filosóficos de determinado pensador ou corrente filosófica, de determinada e lugar. Oportunamente, traduzimos por “ponto de visto”, “perspectiva”, “avaliação” e “conceito”, ocasiões em que indicamos em nota.

¹² Nesta primeira versão da tradução optamos por não verter as passagens em latim para o vernáculo, embora futuramente isto será feito com auxílio especializado. Atentem que no presente texto mantivemos não somente as passagens latinas, mas mesmo o seu estilo tipográfico afrancesado (às vezes incluindo acentos, por exemplo), presente na edição que utilizamos.

¹³ Lit.: *et qui me paroissent tres-indignes d'un si grand nom*.

¹⁴ “Ele viveu 90 anos”. (Nota do autor).

¹⁵ “Estes livros eram os de Filon, que ainda existiam à época.” (Nota do autor).

¹⁶ “Está nos três livros dos acadêmicos.” (Nota do autor).

seio¹⁷ da filosofia¹⁸.” É desta maneira que Santo Agostinho manifesta suficientemente o seu conhecimento, [sua] estima à maneira de filosofar dos acadêmicos, a importância de interpretá-los, como alternativa que difere do que se faz vulgarmente.

LIVRO I

CONTENDO A HISTÓRIA DOS FILÓSOFOS ACADÊMICOS

CAPÍTULO I

Do propósito e da ordem desta obra

[§1] Depois de ter apresentado algumas ideias [relativas] à filosofia dos acadêmicos nas minhas primeiras *Dissertações*¹⁹ sobre a Lógica destes filósofos e por ocasião de um livro muito conhecido, *De la Recherche de la Vérité*²⁰, finalmente resolvi compor um corpo doutrinal para a utilidade daqueles que amam filosofar com seriedade e que apenas requerem verdades sólidas, sem ter que se preocupar com as diferenças que os autores possam ter entre si, nem com todas as suas disputas. Por isso, colocarei em ordem as reflexões que já fiz sobre esse assunto. Primeiramente, não vou me demorar relatando todas as razões que me têm determinado a seguir a maneira de filosofar dos acadêmicos; somente direi que, após ter estudado todas as [doutrinas] filosóficas²¹ e ter experimentado os seus [pontos] fortes e fracos, finalmente descobri que Platão melhor observou as leis da reta razão²², e me concentrei em segui-lo, não ao pé da letra e nem cegamente, mas me servindo de seu método e observando-o como um acadêmico²³ (*Academico-Platonicus*), isto é, tanto quanto a evidência da verdade o permita. Sabemos que este filósofo teve dois tipos de discípulos, uns o fizeram afirmar inúmeras coisas, e outros o olharam como duvidando insistentemente e buscando a verdade²⁴. Estes últimos, chamados de

¹⁷ *Quasi modo geniti infantes rationabile lac concupiscite. 1. Petri. cap. 2* (Nota do autor). Trata-se de uma citação da I epístola de Pedro, capítulo 2, versículo 2: *sicut modo geniti infantes rationale sine dolo lac concupiscite ut in eo crescatis in salutem*.

¹⁸ Lit.: *Mais au moins je me sçais bon gré d'avoir rompu de lien odieux, qui me faisant desesperer de connoistre la verité, m'empeschoit de me coller à la mamelle de la Philosophie*.

¹⁹ Trata do primeiro livro de cunho filosófico de Foucher impresso em 1673, aqui denominada por *Lógica: Dissertation sur la recherche de la vérité, ou la philosophie des académiciens, où l'on réfute les préjugés des dogmatistes tant anciens que nouveaux: avec un examen particulier des sentiments de M. Descartes*. Cf. nota 82.

²⁰ Trata-se da obra de Nicolas Malebranche, *De la recherche de la vérité. Où l'on traite de la Nature de l'Esprit de l'homme, et de l'usage qu'il en doit faire pour éviter l'erreur dans les Sciences*, publicada entre 1674 e 1675. Há uma edição brasileira de 2004, com introdução, textos selecionados, notas e tradução de Plínio Junqueira Smith.

²¹ Lit.: *étudié toutes les Philosophies*.

²² Lit.: *les loix de la droite raison*.

²³ Foucher considera-se “acadêmico” que está tratando de resgatar esta doutrina tradicionalmente vinculada a Platão, associando-o aos [céticos] acadêmicos. Sobre isso, buscar a interpretação de Cícero que também vincula Platão aos [céticos] acadêmicos.

²⁴ Lit.: *doutant encore et cherchant la verité*. Nesta expressão, chamamos a atenção para dois vocábulos particularmente importantes no que tange aos ceticismos Antigo e o característico de Foucher: *doutant* (tendo como verbo transitivo *douter* - “duvidar”, e como

“acadêmicos”, são os que me comprometo em trazer à luz as opiniões. Sexto Empírico²⁵ nos deu a hipótese dos pirrônicos. Temos a filosofia de Epicuro, aos cuidados do Sr. Gassendi²⁶, e encontramos aqui a dos acadêmicos.

[§2] É tanto mais necessário trabalhar direcionando esses tipos de hipóteses, pois os autores, dos que chegaram até nós, não escreveram muito, e é necessário recolher as coisas dispersas que se encontram sem ordem e sem continuação em diferentes autores. Até então, poder-se-ia olhar para estas obras como originais que não se encontram em lugar algum e que são, no entanto, peças necessárias ao público, seja qual for o custo que elas tenham e seja qual for a [corrente] filosófica, porque sem elas não podemos julgar nem saber o que se deve receber ou rejeitar. Estou convencido, porém, de que a [Filosofia] dos acadêmicos é melhor que a dos outros, embora não ouse assegurar que ela encontre, nos dias de hoje, uma pena²⁷ sequer da qual se possa tirar alguma vantagem, semelhante àquelas outras que tiraram dos autores ilustres que acabei de mencionar.

[§3] Não é, no entanto, somente pelos escritos de Platão, nem pelos dos acadêmicos que o sucederam, que se deve julgar essa maneira de filosofar. Ela não deve ser considerada como uma seita particular, e não é outra coisa senão a maneira verdadeira e correta, comum a todos os que não perdem de vista os princípios. No entanto, eu a coloco como própria dos acadêmicos, porque eles se distinguiram em segui-la e defendê-la.

[§4] Nem deve ser considerada nova, pois é a primeira e mais antiga de todas. Pode até mesmo ser chamada de Filosofia de todos os tempos e, uma vez que ela consiste em investigar²⁸, não seria insensato atribuir-lhe tudo o que as pesquisas de todos os séculos puderam adquirir de bom e sólido. Pode-se, portanto, considerá-la como o grande caminho da verdade, sendo rotas particulares aquelas pelas quais os dogmáticos vão se perder na confusão das suas preconcepções. E embora eu sempre a tenha preferido às outras, sem conhecê-la com o nome que lhe dou agora, evitarei, no entanto, propô-la como se eu mesmo a tivesse inventado. Tampouco devemos atribuí-la aos acadêmicos, posto que ela está entre as primeiras verdades que Deus escreveu em todos os espíritos com linhas de luz²⁹.

[§5] Não se deve, pois, temer encontrar aqui novidades suspeitas, nem opiniões de cabala envoltas em mistérios impenetráveis. Todo mundo é capaz de

substantivo feminino *doute* - “dúvida”) e *cherchant* (e os equivalentes *chercher* e *rechercher*, ambos verbos transitivos potencialmente traduzíveis por *buscar*, *procurar*, *pesquisar*). Destacamos a equivalência semântica entre *cherche/recherche* com os vocábulos gregos *zétesis* e *sképsis*.

²⁵ Filósofo e médico grego que viveu entre os séculos II e III, do qual possuímos o maior número de obras e compilações sobre o pensamento dos antigos cétricos pirrônicos, entre as quais temos as *Hipotiposes Pirrônicas* ou *Esboços Pirrônicos*.

²⁶ Pierre Gassendi (1592-1655), filósofo, matemático e cientista francês, escreveu os livros *Exercícios contra os aristotélicos* (1654) e *Syntagma philosophicum* (1658), nos quais assume uma postura antissubstancialista à medida que propõe retomar o atomismo de Epicuro como filosofia da natureza substituta à de Aristóteles.

²⁷ Ou seja, uma caneta. Lit.: *une plume*. Aqui a expressão tem sentido de “letra”.

²⁸ Mais uma vez, note-se aqui a identificação que Foucher faz entre a filosofia acadêmica e a ação do verbo *investigar* [*chercher*]. Foucher assume que a postura verdadeira e correta de filosofar é a aquela adotada e defendida pelos filósofos acadêmicos, embora ele também admita que, por ser “melhor que a dos outros”, constituindo o “caminho da verdade”, tal postura não é exclusiva dos acadêmicos, mas de qualquer um que não perca de vista “os princípios” [*les principes*], considerando-a universal e inata, uma vez que o próprio Deus a “escreveu” em nossas almas com “linhas de luz”. É nesse sentido que Foucher evita considerar como “seita particular” [*secte particuliere*] o modo acadêmico de filosofar.

²⁹ Lit.: *tous les esprits avec des traits de lumieres*.

compreender as verdades que iremos identificar; caminhamos em terra firme e não correremos o risco de ir ao encontro de armadilhas, *non circumferemur omni vento doctrinae etc.*³⁰ Não é necessário que nos elevemos acima de nossa natureza, nem que busquemos no homem outra coisa senão o que está nele; iremos, pois, medir suas forças, ou, se se preferir, suas fraquezas e, finalmente, conhecê-lo tal como é.

[§6] Deixemos à parte a religião e a teologia, não que julguemos que essas divinas instituições sejam indignas de nossos estudos, mas, ao contrário, porque acreditamos que elas são muito elevadas e nos ultrapassam. Mas se é muito vantajoso para a religião mostrar que razão e filosofia não lhe são contrárias, também é algo que não se pode dispensar a não ser considerar a razão em si mesma; pois sem isso, não se pode mostrar que ela não se opõe à religião. De fato, é necessário saber com certeza o que diz a razão a fim de julgar se ela está de acordo com o cristianismo; e não podemos nos eximir em cumprir o dever que Deus mesmo nos impõe³¹.

[§7] Começaremos pelos primeiros princípios e, por conta disso, trataremos de várias questões que a maioria dos filósofos parece ter negligenciado e que, não obstante, são muito importantes. Buscarei seguir sempre a ordem das verdades evidentes, como os Geômetras costumam fazer e, conduzindo os conhecimentos humanos tanto quanto me seja possível, irei pelo menos aprender a discernir o que sei daquilo que não sei, e é isso que proponho fazer à maneira dos acadêmicos. Não tomarei por fundamento a não ser as verdades geralmente reconhecidas por todos os homens, que são aquelas que o próprio Deus gravou em nossos espíritos³². É sob a condução dessas verdades que avançaremos, felizes sem jamais as abandonar. De fato, elas são obscurecidas por nossas preconcepções, mas é por isso que devemos trabalhar para dissipá-las, tal como nuvens, e fazer essas verdades brilharem como astros que o Pai das luzes nos deu para nos iluminar melhor as trevas desta vida; podemos olhá-las, se quisermos, como diamantes que ainda estariam encerrados na casca da pedra, com que a natureza os envolve, devendo ser polidos e dar a eles todo o brilho que lhes é característico, e purificá-los da lama dos nossos preconceitos³³. Nós somos mais ricos do que pensamos! Existe quem saiba até onde pode chegar o preço das verdades que conhecemos? Quem está em condições de avaliar além do que se deve? Ah! Como seria bom ver todas essas luzes reunidas e que isso formaria no espírito um agradável espetáculo! Nossos acadêmicos fizeram todos os esforços para contribuir com isso, e o que quer que tenham feito em seu tempo, não temos desse belo fogo mais do que algumas faíscas que encontramos espalhadas entre os preciosos restos de seus escritos, que o tempo, destruidor de todas as coisas, quase os reduziu a cinzas³⁴. Mas, sob estas cinzas, há sementes de verdade que renascem quando removidas e agitadas, *haeret profecto semen introrsum ueri quod excitatur*

³⁰ Efésios 4, 14 diz: *ut iam non simus parvulli fluctuantes, et circumferamur omni vento doctrinae in nequitia hominum, in astutia ad circumventionem erroris.*

³¹ Nos §§6-7, vemos como Foucher chama a atenção para as qualidades humanas e suas forças naturais, como a capacidade de compreensão (racional) de verdades, detendo-se em buscar no próprio homem, e não em algo fora ou acima dele - tal como a religião e a teologia -, as medidas de suas forças e fraquezas, isto é, conhecê-lo tal como é em seus limites naturais ou humanos. A razão e, conseqüentemente, a filosofia não entram em desacordo com as questões da fé cristã, pois tendo sido ela, a razão, imposta por Deus à alma do homem, pode-se, aliás, deve-se proceder à análise da razão em si mesma e de sua capacidade de apreensão da verdade.

³² Lit.: *que Dieu a lui mesme imprimées dans nos esprits.* Vemos aqui uma expressão do “inatismo” da ideias - no caso aqui, a ideia de “verdade” -, uma marca do cartesianismo presente no pensamento de Foucher.

³³ Lit.: *préjugez.*

³⁴ Lit.: *que le temps destructeur de toutes choses a presque réduits en cendre.*

*ventilante doctrina*³⁵; e visto que esses filósofos não comunicaram seus conhecimentos a todo o mundo, agora somos compelidos a fazê-los entrar em cena, apesar da aversão que tinham de assemelhar-se aos atores, e vermos hoje aquilo que os séculos passados não ousaram nos prometer. Os tempos que vieram depois deles revelaram-nos melhor as coisas que eles pareciam querer esconder de nós, e as verdades que se seguram como que pela mão, unidas umas às outras darão uma nova ajuda que nos encherá de alegria e satisfação. Não será surpresa, entretanto, que eu manifeste aqui tanta estima, pois não há nada maior ou mais próspero do que as verdades³⁶, e não devemos duvidar ser algo muito agradável a reunião que se pode fazer delas. Além disso, é fato que cada século, tendo descoberto algumas verdades, o nosso pode nos enriquecer com um bem que os precedentes não nos poderiam ter dado; e até os séculos vindouros poderão acrescentar novos tesouros àqueles que teremos acumulados: *multi pertransibunt et augebitur scientia*³⁷. Além disso, é bem sabido que, antes que as verdades da Geometria fossem reunidas, não havia uma ciência das figuras em grande estado, e não era de se esperar que tirássemos quaisquer vantagens semelhantes àquelas que alcançamos diariamente. Peço somente uma coisa: não façamos cobranças a esses filósofos [acadêmicos] a partir das minhas próprias falhas; não é necessário avisar que não sou infalível, e se por desgraça eu não observar com exatidão as regras que irei propor, que não imputem minhas faltas nem a esses filósofos nem às suas regras. E será de bom azo ver o quadro que me proponho a pintar³⁸; mas rezo que não se julgue inteiramente aquilo que não esteja concluído.

CAPÍTULO II

De onde vem o nome da Academia e quais são os acadêmicos de que se deve falar

[§8] Antes de entrar nos detalhes das opiniões dos acadêmicos, é necessário distingui-los e fazer em poucas palavras a história de sua Filosofia.

[§9] Primeiramente, o nome da Academia vem do nome grego ἀκαδημία³⁹ que foi dado a um lugar dedicado a um Herói⁴⁰, nomeado ΑΚΑΔΕΜΟΣ⁴¹. Este lugar ficava nas vizinhanças de um subúrbio de Atenas; havia um bosque espesso, cuja habitação era insalubre antes de ele ter sido embelezado com jardins e caminhos que haviam sido erguidos ali, a fim de torná-lo menos sombrio e mais agradável. Foi neste lugar que Platão começou a filosofar com seus discípulos. E desde que os exercícios e estudos deste grande filósofo o tornaram mais célebre, o nome da Academia foi dado às assembleias de pessoas letradas; mas, sobretudo, se chamam acadêmicos todos os que estudaram com Platão.

³⁵ Boécio, *A Consolação da Filosofia*, III, [carmen 11].

³⁶ Lit.: *car il n'y a rien de plus grand ni de plus riche que des veritez.*

³⁷ A frase em latim é do livro de Daniel 12:4: ... *pertransibunt plurimi et multiplex erit scientia.*

³⁸ Lit.: *On sera bien aise de voir le tableau que je me propose de faire.*

³⁹ Em transliteração, *akadēmía*.

⁴⁰ Ἡρώς, *Hērōs*, nome dado pelos gregos aos personagens protagonistas das narrativas míticas, considerados homens divinizados que se distinguiam por ações extraordinárias e por suas virtudes, ou a humanização dos seres divinos, isto é, ossemideuses da religião grega.

⁴¹ Ἀκάδημος [*akádēmos*], herói ático na mitologia grega.

[§10] Quando Cícero foi a Atenas⁴², ele visitou este lugar com vários de seus amigos. *Cum autem venissemus in Academiam*, diz ele, *nobilitata spatia, solitudo erat quam volueramus, naturavem, nobis hoc, inquit, datum dicam, an arte, ut cum ea loca videamus in quibus memoria tam dignos viros accepimus esse versatos, magis moveamur, quam si quando eorum aut facta, aut dicta audiamus, aut Scriptum aliquod legamus*, etc⁴³. Esses jardins não apenas despertam a recordação desses grandes homens que são tão dignos de nossa lembrança, mas os colocam diante de meus olhos. Eis onde Espeusipo, Xenócrates e seu discípulo Pólemon costumavam se colocar, e é neste lugar onde eles se sentavam. Sinto-me tocado e emocionado ao observar esta cadeira, onde Carnéades ensinou; parece que ela ainda exige a voz desse grande homem, e que ela testemunha os desprazeres de ter sido privada dele, *tanta ingenii magnitudine orbata*⁴⁴; em uma palavra, aqui está o lugar de onde surgiram tantos filósofos ilustres, não apenas aqueles que são propriamente chamados acadêmicos, como Espeusipo, Pólemon, Crântor, Arcesilau, etc., mas também os antigos peripatéticos, *Sed etiam Peripatetici veteres, quorum princeps Aristoteles, quem, excepto Platone haud sciam an dixerim principem Philosophorum. Ad eos igitur converte te, quaeso; ex eorum enim scriptis et institutis, cum omnis doctrina liberalis, omnis historia, omnis sermo elegans sumi potest: tum varietas est tanta artium ut nemo sine eo instrumento ad ullam rem illustriorem satis ornatus possit accedere: ab his Oratores, ab his Imperatores, ac rerumpublicarum Principes extiterunt*, continua Cícero, *Mathematici, Poetae, Musici, Medici denique ex hoc tanquam omnium artium officina profecti sunt*⁴⁵. Podemos dizer também em nosso tempo que é a partir dela que se emprestou seu nome a tantos acadêmicos ilustres que florescem hoje em todos os tipos de disciplinas.

[§11] Não me comprometerei a enumerar as célebres Academias que são a glória das Belas Artes na França e em toda a Europa, seja pela eloquência e pureza da Linguagem, seja pela História, ou pelas Ciências, mesmo as mais sólidas, a exemplo da Física e das [Ciências] Matemáticas; basta observar que, se os nomes dos acadêmicos as honram, devem isto à escolha que Platão fez deste lugar de que falamos e que ficou célebre por seus estudos. Não esquecerei, no entanto, de dizer ainda que as Academias, onde se aprendem os exercícios da guerra, têm também seu nome a partir dessa antiga [Academia]; e não é de se surpreender, pois Platão não considerava menos os exercícios militares do que as artes mais pacíficas. Entretanto, os acadêmicos de quem devemos falar são apenas aqueles que estudaram sob [a orientação de] Platão, ou que seguiram o caminho do seu filosofar.

Dos autores em que nos fundamos para fazer esta História

⁴² Marco Túlio Cícero (106 a.C. - 43 a.C.) recebeu lições em Roma do filósofo acadêmico Fílon de Larissa. Aos vinte e sete anos de idade, realizou uma viagem para o mundo grego entre os anos 79-77 a.C., tendo ido a Atenas assistir às aulas do também acadêmico Antíoco de Ascalão, e dado seguimento aos seus estudos de retórica na cidade de Rodes com Apolônio Mólón (teve sua acmé aproximadamente no ano 70 a.C.). Também em Rodes, Cícero teria conhecido o grande estoico da época, Posidônio (c. 135 a.C. - c. 51 a.C.).

⁴³ Cícero, *De finibus bonorum et malorum*, V, 1-2. Citamos, a seguir, as passagens 1 e 2, referidas por Foucher, completando as partes ausentes na citação do texto das *Dissertationes*: 1. *Cum autem venissemus in Academiae non sine causa nobilitata spatia, solitudo erat ea, quam volueramus*. 2. *Tum Piso: Naturane nobis hoc, inquit, datum dicam an errore quodam, ut, cum ea loca videamus, in quibus memoria dignos viros acceperimus multum esse versatos, magis moveamur, quam si quando eorum ipsorum aut facta audiamus aut scriptum aliquod legamus?*

⁴⁴ Cícero, *De finibus bonorum et malorum*, V, 4.

⁴⁵ Cícero, *De finibus bonorum et malorum*, V, 7.

[§12] Em segundo lugar, os autores sobre os quais devemos nos basear principalmente são Cícero, Plutarco, Sexto Empírico, Diógenes Laércio e Santo Agostinho. Penso que são estes os autores que devem ser consultados, porque eles fizeram profissão de falar dos acadêmicos. Cícero é o mais antigo, tendo mesmo sido contemporâneo de Filo [de Larissa] e Antíoco [de Ascalão], para não mencionar Carnéades [de Cirene], que foram todos os três chefes dos acadêmicos, dos quais iremos tratar. Em seguida, veio Plutarco, que não tinha por objetivo falar dos projetos dos acadêmicos, mas que diz várias coisas bastante notáveis. Sexto Empírico, sobrinho de Plutarco, foi um dos que trataram seus conceitos⁴⁶ com mais exatidão. Depois dele, Diógenes Laércio (ou Laerte), segundo como que se queira interpretar a palavra *Laertius*, tentou, como se sabe, fazer uma história e escrever [sobre] a vida dos primeiros acadêmicos, isto é, de Platão, de Arcesilau, de Lácides [de Cirene], de Carnéades e alguns outros. No que diz respeito a Santo Agostinho, já observei que ele havia escrito três livros sobre os acadêmicos⁴⁷, e lidei com eles particularmente na segunda parte de minha *Apologia*; além disso, não há dúvidas de que esse padre se aplicava às ciências humanas tanto quanto àquelas que dizem respeito à religião. Mas ainda não se coletou tudo o que esses autores escreveram sobre nossos filósofos, e não se aconselha a reduzir suas opiniões⁴⁸ a um corpo doutrinário, porque se pensava vulgarmente que eles tinham renunciado a todo tipo de ciência. De resto, desejo que nos lembremos do que eu disse sobre os fatos históricos, e que não se exija aqui uma certeza maior do que a que se deve oferecer em matéria de história. Saber, por exemplo, se uma determinada opinião⁴⁹ é [ou não] de um determinado autor; é [esse tipo de asserção] que sempre se poderia contestar. Mas saber se essa opinião⁵⁰ é verdadeira ou falsa em si mesma, é isso que se pode atingir com tanta certeza quanto os teoremas da Geometria.

CAPÍTULO III⁵¹

Do número, do propósito e da diferença das Academias

[§13] Diógenes conta apenas três delas, a de Platão, a quem chama de *velha*, a de Arcesilau, a quem ele dá o nome de *média*, e a *nova* da qual ele quer que Lácides [de Cirene] seja o chefe; mas Sexto [Empírico], depois de Cícero, nomeia cinco, somando-se às de Arcesilau e Carnéades que ele coloca no lugar da de Lácides, as academias de Filon e de Antíoco. Reconhecemos o que elas tinham em particular. No entanto, devemos saber que elas extraíram de Sócrates a substância e a base de sua doutrina, a qual foi Platão o primeiro a dar o nome.⁵²

⁴⁶ Lit.: *leurs sentiments*.

⁴⁷ Trata-se do *Contra os Acadêmicos*, composto de três livros sobre a relação entre felicidade e o conhecimento da verdade (livro I), e sobre a filosofia dos céticos acadêmicos (livros II e III). É considerada a primeira obra filosófica de Santo Agostinho (354 - 430), escrita em Cassiciaco entre 386-7, após sua conversão ao Cristianismo, e pertence ao grupo dos conhecidos *Diálogos Filosóficos* (*Contra os Acadêmicos, A Ordem, A Grandeza da Alma e O Mestre*).

⁴⁸ Lit.: *leurs sentiments*.

⁴⁹ Lit.: *un tel sentiments*.

⁵⁰ Lit.: *ce sentiment*.

⁵¹ Este capítulo é o III na correta sequência de capítulos do livro I das *Dissertations* de Foucher, embora na tipografia da edição original este capítulo apareça como sendo o II, comprometendo, assim, toda a ordem dos capítulos seguintes - fato que aqui corrigimos.

⁵² Notar a vinculação que Foucher aceita entre Sócrates e Platão e a academia, que ainda não aparece como “cética” no texto de Foucher, visão compartilhada com Cícero.

Objetivo geral da Academia

[§14] Sócrates, na tentativa de entender a causa da confusão que existia entre os homens e até mesmo entre os filósofos, reconheceu que essa era uma presunção sua e, para abater o orgulho dos dogmáticos - que viam a si mesmos como oráculos que pensavam conhecer a verdade em todas as coisas, eles que ainda não sabiam que nada sabiam, e que ainda não tinham em mãos a pedra de toque da verdade -, trabalhou para destruir suas concepções, retirando o véu que cobria a ignorância humana. Depois disso, Platão, reconhecendo a importância de aceitar os pontos de vista de Sócrates, abriu sua academia para todos os que, com ele, queriam buscar a verdade, e apenas proibiu a entrada àqueles que não eram educados em matemática⁵³, tendo escrito acima da porta: *Que ninguém entre aqui sem saber geometria*.⁵⁴ Mas seus discípulos não observaram seu método com toda a exatidão necessária; Arcesilau, [assim], se viu obrigado algum tempo depois a trabalhar para renová-lo, e se ocupou inteiramente em refutar os dogmáticos⁵⁵; isso fez com que Carnéades, que veio após [Arcesilau], começasse a estabelecer alguns pontos [acerca] da [questão] moral, para mostrar que os acadêmicos não tinham renunciado a todos os tipos de disciplinas, como seus oponentes. Isso o obrigou a fornecer os princípios para a conduta da vida, argumentando que somente a virtude nos levaria à felicidade e que deveríamos observar as leis da consciência e da boa fé. Os dogmáticos, surpresos, anunciaram que era um novo tipo de academia, o que permitiu a Fílon fazer saber que os acadêmicos não se afastaram da perspectiva⁵⁶ de Platão. Antíoco fez novamente a mesma coisa, mas de outra maneira. Eis, pois, qual foi o projeto⁵⁷ dos acadêmicos, que consiste, como veremos, em um bom e sólido filosofar, sem se lançar de uma extremidade a outra⁵⁸. No entanto, distinguiremos cinco academias, embora Diógenes tenha mencionado apenas três, e alguns autores reconheçam somente duas; mas também notaremos que elas diferiram apenas em algumas circunstâncias externas, como os tempos, os lugares, as pessoas, e não nas profundezas da doutrina⁵⁹.

⁵³ Lit.: *qui n'étoient pas instruits des Mathematiques*.

⁵⁴ Lit.: *Que personne n'entre icy qui ne sçache la Geometrie*. Foucher faz menção à famosa epígrafe (ἀγεωμέτρητος μηδεὶς εἰσὶτω - translit.: *ageōmétrētos mēdēis eisitō*) que, segundo a tradição, estaria inscrita na entrada da Academia de Platão, funcionando como “senha” aos iniciados na escola, aludindo ao valor da matemática para a filosofia platônica.

⁵⁵ Arcesilau e Carnéades são apresentados como restauradores da Academia e do método de filosofar deixado por Platão, cujos discípulos, que os antecederam, haviam desse método se afastado, recebendo de Foucher a alcunha de “dogmáticos”. Nitidamente, Foucher percebe que há uma “novidade” acadêmica a partir de Arcesilau e Carnéades, porém uma novidade mais *dubitativa* do que *aporética*.

⁵⁶ Lit.: *des sentimens*.

⁵⁷ Lit.: *le dessein*.

⁵⁸ Esta metáfora - “se lançar de uma extremidade a outra” - evoca a noção de “oscilação”, que faz alusão ao movimento pendular; por decorrência, à noção do numeral “dois” (*duo*), de “vacilante, incerto, irresoluto, duvidoso” (*dubius*) e, conseqüentemente, “dúvida” (*dubitare*). Lançar-se de uma extremidade a outra é “oscilar”, “vacilar”, “duvidar” entre opiniões, pontos de vistas ou avaliações distintas e/ou opostas. Aparentemente, não é esta, para Foucher, a caracterização do *projeto* dos acadêmicos, mas, antes, “um bom e sólido filosofar”; Foucher atribui um papel fundamental à *dúvida* no método filosófico dos acadêmicos.

⁵⁹ Lit.: *le fond de la doctrine*.

CAPÍTULO IV

Da Academia de Platão

[§15] Não vou me comprometer aqui a elogiar este grande filósofo, [isto é, Platão]; felizmente, vários autores muito importantes trabalharam o suficiente nisso, [entre eles] podemos citar Marsílio Ficino⁶⁰, Patrício⁶¹, o Cardeal Bessarion⁶² e vários outros novos [autores], a menos que não se prefira voltar a Cícero e aos primeiros Padres da Igreja, como São Justino, o Mártir⁶³, São Clemente de Alexandria⁶⁴, Lactâncio⁶⁵, Orígenes⁶⁶, Santo Agostinho⁶⁷ e Boécio⁶⁸. Não direi nenhuma novidade se falar dos bons costumes⁶⁹ desse acadêmico, de sua castidade, de sua piedade e de todas as suas virtudes, com as quais testificava que era capaz de pôr em prática os bons ensinamentos que tinha dado aos Reis e Magistrados; vou

⁶⁰ Marsílio Ficino (1433 - 1499), filósofo italiano, é o maior representante do Humanismo florentino. Juntamente com Giovanni Pico della Mirandola, está na origem dos grandes sistemas de pensamento renascentistas e da filosofia do século XVII. Traduziu obras de Platão e difundiu suas ideias.

⁶¹ Há pelo menos dois autores renascentistas chamados Patrício: Francesco Patrizi de Siena (1413 - 1494), escritor, político e bispo italiano. Atuou como governador de Foligno a partir de 1461 e foi nomeado bispo de Gaeta por seu amigo pessoal, o papa Pio II. É provável que Foucher esteja se referindo a Francesco Patrizi de Cherso (1529 - 1597), filósofo e cientista italiano da República de Veneza. Opositor do aristotelismo e dos escolásticos, e mais conhecido por seu neoplatonismo, ensinou filosofia platônica na cidade de Ferrara de 1576 a 1573, e depois em Roma até a data de sua morte. Dentre outras obras, escreveu *Discussiones peripateticae* (entre 1571-1582) e *Nova de universis philosophia* (1591).

⁶² Basílio Bessarion, O.S.B.M. (*Johannes Bessarion*, grego: *Βασίλειος Βησσαρίων*; 1403-1472) foi um clérigo e erudito bizantino, arcebispo de Niceia, Patriarca latino de Constantinopla e cardeal da Igreja Católica Romana. Participou nos concílios de Ferrara e Florência defendendo a União das Igrejas católica ortodoxa e católica romana. Realizou traduções das obras de Aristóteles e Teofrastoe defendeu a não contradição entre as filosofias aristotélica e platônica.

⁶³ Flávio Justino (em latim: *Flavius Iustinus*; 100 - 165), também conhecido como Justino Mártir (em latim: *Iustinus Martyr*) ou Justino de Nablus, foi um teólogo romano do século II.

⁶⁴ Clemente de Alexandria ou Tito Flávio Clemente (ca. 150 - 215) foi um escritor, teólogo, apologista cristão grego nascido em Atenas.

⁶⁵ Lucio Célio Firmiano Lactâncio (em latim: *Lucius Caelius* ou *Caecilius Firmianus Lactantius*; ca. 240 - ca. 320) foi um autor entre os primeiros cristãos que se tornou um conselheiro do primeiro imperador romano cristão, Constantino I, guiando sua política religiosa que começava a se desenvolver e sendo o tutor de seu filho.

⁶⁶ Orígenes (em grego: *Ὠριγένης*), cognominado Orígenes de Alexandria ou Orígenes de Cesareia ou ainda Orígenes, o Cristão (ca. 185 - 253), foi um teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e é um dos Padres gregos.

⁶⁷ Agostinho de Hipona (em latim: *Aurelius Augustinus Hipponensis*, 354 - 430), conhecido universalmente como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e filosofia ocidental. Ele era o bispo de Hipona, na África. Escrevendo na era patrística, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos Padres da Igreja no ocidente. Suas obras-primas são *De Civitate Dei* ("A Cidade de Deus") e *Confissões*.

⁶⁸ Anício Mânlio Torquato Severino Boécio (em latim: *Anicius Manlius Torquatus Severinus Boethius*, ca. 480-524/525), conhecido como Severino Boécio ou simplesmente Boécio, foi um filósofo, poeta, estadista e teólogo romano, cujas obras tiveram uma profunda influência na filosofia cristã do Medievo. Inclui-se entre os fundadores da Escolástica.

⁶⁹ Lit.: *des bonnes mœurs*.

me contentar em mostrar qual era a substância de sua doutrina⁷⁰ e o projeto particular de sua Academia.

Propósito da Academia de Platão

[§16] A princípio, ele se comportou como se tivesse que chamar de volta ao bom caminho as pessoas que dele estavam afastadas, inicialmente detendo-as e as impedindo de continuar nas estradas do erro; em seguida, tentou trazê-las de volta aos princípios no local exato em que tinham começado a se desviar da verdade; após isso, deu-lhes as regras para que não mais se perdessem. Foi por essa razão que ele tratou das ideias, a fim de deixar claro que não era por meio de definições que se devia começar a procurar a verdade, nem pelo raciocínio; mas que era preciso apegar-se aos primeiros conhecimentos a fim de encontrar a clareza necessária para ter uma ciência perfeita; e isso lhe forneceu conteúdo⁷¹ para pôr em prática a maneira de filosofar de Sócrates, por meio de perguntas e respostas, ou por meditações sobre os primeiros princípios. Vemos, também, que em seus *Diálogos* ele nada afirma, no entanto ele decide mais do que se [possa] pensar, ainda que de uma maneira habilidosa [e] entendida somente por aqueles que sabem como buscar a verdade; e mesmo que, ao pé da letra, não tome decisão alguma, ele não deixa de conduzir o espírito aonde deve ir, [isto é], para receber as luzes que servem para tomar as verdadeiras decisões: *non extat opus Platonis, nec extabit unquam*⁷²; diz ele de si mesmo, em uma de suas cartas ao Rei Dênis, de Siracusa⁷³; mas isso não impede que seus *Diálogos* contenham as opiniões que ele tomou emprestado de Sócrates, as quais foram seguidas pelos acadêmicos. Quanto a saber quais eram suas opiniões particulares, isso é o que seus poucos amigos poderiam ter aprendido dele em segredo; e devemos sempre pensar que elas não eram contrárias as de Sócrates enquanto ele as propunha; mas quando teria havido algumas opostas, não se concluiria que tínhamos que nos prender e não mantê-las como sua única autoridade; pois não professamos seguir seus pensamentos ao pé da letra, mas apenas observar seu método e seus princípios. É certo, no entanto, que ele acreditava ter reconhecido verdades constantes, pois declara que não desejava cometer nem expor a verdade aos insultos dos ignorantes e dos mal-intencionados. Darei brevemente uma ideia de sua doutrina.

Ideia geral da Doutrina de Platão

⁷⁰ Lit.: *le fond de sa Doctrine*.

⁷¹ Lit.: *et cela lui donna sujet*.

⁷² “(...) não existe - e jamais existirá - um tratado de Platão.” (*Carta II*, 31c); ver também, de Platão, *Carta VII*, 341b. Na *Carta II* (das 13 cartas tradicionalmente atribuídas a Platão, todas –talvez com exceção da *VII* e da *VIII* - são apócrifas), Platão discute sua relação de amizade e discipulado com o endereçado, o tirano de Siracusa, Dionísio II (ca. 397 - 343 a.C.), que era filho de outro tirano da cidade, Dionísio I, o Velho (ca. 432 - 367 a.C.). Em ambas as passagens, Platão refere-se à necessidade de se memorizar seus ensinamentos e preocupações filosóficas “mais profundas” ao invés de ter que escrever um tratado sobre eles, como o teria feito Dionísio II. A *Carta VII* foi endereçada aos amigos de Díon após seu assassinato, em 354 a.C., por solicitação destes amigos que buscavam conselhos sobre política.

⁷³ Transliteração afrancesada do nome próprio de Dionísio I ou Dionísio II, de Siracusa.

[§17] Platão havia reconhecido com Sócrates que os sentidos⁷⁴ não eram os juízes da verdade das coisas que estão fora de nós⁷⁵, e, propondo isso, foi obrigado a manter um curso contrário ao dos dogmáticos. De início, ele concluiu que o que percebemos através dos sentidos são apenas “modos de ser” ou “modificações” de nossa alma, de onde ele tira, como consequência, que nossa alma, não obstante inicialmente desconhecida para nós, ainda seja mais manifesta do que nosso corpo e os objetos [que lhe são] externos; até então, poderíamos ter todo o conhecimento que julgamos receber através dos sentidos, mesmo que não existam essas coisas que aparentam estar fora de nós; basta que tenhamos as mesmas modificações [na alma]. Assim, não só poderíamos pensar em conhecer e sentir dor e prazer, mas também movimentos, cores, figuras, liquidez, dureza, numa palavra, tudo o que percebemos imediatamente pelos sentidos.

[§18] E porque nossa imaginação pode produzir em nós todas essas coisas e organizar todos esses fantasmas a nosso critério, reunindo-os ou dividindo-os de infinitas maneiras, e que, por outro lado, a matéria é uma potência pura, passiva, incapaz de qualquer ação⁷⁶, ele concluiu que as potências intelectuais são as únicas que têm a capacidade⁷⁷ de estimular o movimento. A partir disso, ele se eleva ao conhecimento de um primeiro entendimento e de um primeiro motor que modela e determina todos os seres⁷⁸, dando-lhes suas propriedades de acordo com suas Ideias, as quais, sendo eternas, são protótipos e originais cujas cópias vão espalhar-se pelo universo⁷⁹. Isto é o que Boécio expressa muito bem nestas palavras: *pulcrum pulcerrimus ipse Mundum mente gerens similique ab origine formans; Immotus dat cuncta moveri*⁸⁰. Em seguida, esforçando-se para conhecer bem esses originais ou Ideias eternas, ele descobre que o espírito se presta a dois tipos de objetos: i) os que são imutáveis, permanecendo sempre⁸¹ e sem serem jamais produzidos novamente; *quae semper sunt et nunquam generantur*; ii) e os que são sempre produzidos e nunca existem, estando em uma mudança contínua, *quae semper generantur et nunquam sunt*. Ele concluiu que, se quisermos ser felizes, devemos nos apegar a esses objetos eternos e invioláveis.

[§19] Eis a essência da Filosofia deste primeiro acadêmico, ao que Santo Agostinho chama, com razão, de *Arte de Deus*, ou seja, a arte que leva a Deus, separando-nos dos objetos sensíveis e das coisas mundanas e perecíveis, permitindo-nos o acesso ao *homem interior*⁸² e elevar-nos, em seguida, do homem interior para Deus somente; *ab objectis externis in hominem solum*, como disse Plotino, *et ab homine*

⁷⁴ Lit.: *le sens*.

⁷⁵ Lit.: *des choses qui sont hors de nous*.

⁷⁶ Lit.: *la matière est une pure puissance, passive, incapable d'aucune action*.

⁷⁷ Lit.: *le pouvoir*.

⁷⁸ Lit.: *d'un premier moteur qui forme et détermine tous les êtres*.

⁷⁹ Exposta em vários dos *Diálogos* de Platão, particularmente na *República*, Foucher se refere aqui à teoria do *Mundo das Ideias* ou *Mundo das Formas*, em que Platão explica a existência de uma realidade fundamental e superior, abstrata e substancial. Esta realidade é constituída pelas Ideias (εἶδος [*eídos*] ou ιδέα [*idéa*]), objetos eternos e imutáveis que devem ser perseguidos por quem deseja encontrar o conhecimento máximo e verdadeiro; são o “modelo” ou o “original” das quais se geram as “cópias” sensíveis, mutáveis e fugazes dos objetos particulares que compõem o universo do *Mundo das Sombras* ou *Mundo Sensível*.

⁸⁰ BOÉCIO, *A Consolação da Filosofia*, Livro III, 9. Traduziu e comentou o *Isagoge*, de Porfírio (ca. 234-ca.304/309), ajudando a popularizar o neoplatonismo. Autor de *A Consolação da Filosofia* (*De Consolatione Philosophiae*), obra que escreveu no cárcere, e que marcou a Filosofia Medieval.

⁸¹ Lit.: *estans toujours*.

⁸² O tema do “homem interior” a partir de Agostinho, tomando por base o platonismo, é um tema importante tanto na Filosofia de René Descartes como em Nicolas Malebranche.

solo in Deum solum. E para falar como São Paulo, *non contemplantibus nobis quae videntur, sed quae non videntur... Spiritualibus spiritalia comparantes*⁸³. Foi também isso o que disse Simpliciano⁸⁴, que instruiu Santo Ambrósio e Santo Agostinho no Cristianismo, e [ensinou] que os conceitos⁸⁵ platônicos são apropriados para sugerir a palavra de Deus em todos os sentidos: *illis enim omnibus modis insinuari verbum Dei*⁸⁶. Mas não é aqui o lugar para tratar isso mais demoradamente, basta notar que são estes conhecimentos que deram a Platão a reputação de “divino”⁸⁷, e que toda a sua doutrina, bem como a dos acadêmicos, origina-se desde o primeiro passo que damos em direção à verdade, afastando-nos da conduta [guiada] pelos sentidos externos. Aqui⁸⁸ está a porta para entrar na Academia; ao contrário disso, pensaríamos como os dogmáticos, [para quem] as coisas sensíveis, corporais e externas são as mais conhecidas e as mais certas, como se fosse necessário somente levar em consideração aquilo que se pode tocar com os dedos, *quod pugno teneri potest*, nos afastando para sempre do conhecimento das coisas espirituais e divinas.

Capítulo V

Os Discípulos de Platão

[§20] Os principais discípulos deste primeiro líder acadêmico foram Xenócrates, Aristóteles [e] Espeusipo. Xenócrates era extremamente reservado e difícil de se revelar, raramente se manifestando⁸⁹; ele tinha uma mente um pouco lenta⁹⁰, ao contrário de Aristóteles, que muito facilmente chegava às simples verossimilhanças⁹¹, e muitas vezes previu as decisões mais ousadas, de modo que Platão tinha o hábito de dizer desses dois filósofos: *Hic freno indiget, ille calcaribus*⁹². Mas Aristóteles, tendo ido muito longe, formulou [suas próprias] preconcepções que o afastaram da Academia, e é por esta razão que eu não o considero um de nossos acadêmicos, embora ele tenha portado esse título por mais de vinte anos, tendo estudado durante esse tempo sob [a orientação de] Platão, não sendo reconhecido tão cedo como chefe dos peripatéticos. Então Platão, vendo-o afastar-se, como

⁸³ Respectivamente, II Coríntios 4:18 e I Coríntios 2:13: *non contemplantibus nobis quae videntur sed quae non videntur quae enim videntur temporalia sunt quae autem non videntur aeterna sunt; Quae et loquimur non in doctis humanae sapientiae verbis sed in doctrina Spiritus spiritualibus spiritalia comparantes*.

⁸⁴ Simpliciano de Milão (Latim: *Simplicianus*. Data de morte: 13 de Agosto de 400 d.C.) tornou-se bispo nesta cidade, então chamada de Mediolano, no ano de 397 d.C., sucedendo a Santo Ambrósio (*Aurelius Ambrosius*, ca. 340-397 d.C.). É um dos responsáveis pela conversão de Santo Agostinho e de Santo Alípio (Latim: *Alypius*. Séc. IV-V d.C.), que foi bispo de Tagaste (atual Argélia) em 394 d.C., e a quem se atribui a construção do primeiro monastério na África.

⁸⁵ Lit.: *les sentimens*.

⁸⁶ Santo Agostinho, *Confissões*, Livro VIII, 2.

⁸⁷ Lit.: *qui ont fait donner à Platon le nom de Divin*.

⁸⁸ Foucher cita à margem uma passagem de I Coríntios 2:14 (São Paulo): *Animalis homo non potest comprehendere quae dei sunt*. Citamos a passagem completa e sua tradução: *animalis autem homo non percipit ea quae sunt Spiritus Dei stultitia est enim illi et non potest intellegere quia spiritaliter examinatur*.

⁸⁹ Lit.: *ne cedant qu'à peine aux demonstrations*.

⁹⁰ Lit.: *il avoit l'esprit un peu lent*.

⁹¹ Lit.: *simples vrai-semblances*.

⁹² Encontrada na introdução de *Omnia D. Platonis Opera*, no tópico *Scientiae et Proverbiae Platonis*, p. 4; publicação da tradução completa da obra platônica, de 1571, feita por Marsílio Ficino, humanista supramencionado no §15.

sabemos, de seus ensinamentos, disse: *Aristoteles in nos recalcitravit tanquam pullus in matrem*. Mesmo com tudo isso, ainda vemos bons autores que nos asseguram que este filósofo preservou a substância da doutrina de seu mestre; realmente, ele diz em seus *Analíticos Posteriores*⁹³ que é ridícula a pretensão de se ter uma ciência sem demonstrações, mas isso não o impediu de não receber as verossimilhanças⁹⁴ em seguida e de não ter se comportado mediante o julgamento dos sentidos, o que se opõe ao propósito da Academia.

Espeusipo

[§21] *Espeusipo*, sobrinho de Platão, o sucedeu e ocupou seu lugar no ensino da Academia. Ele começou a descobrir as opiniões que seu mestre só havia comunicado aos seus amigos mais íntimos, e assim, desejando honrar a ciência de seu tio, ele mudou a face da Academia e expôs aos olhos do povo o que Platão havia dito ser perigoso desvendar a todo o mundo. É claro que desejo falar da ciência das coisas divinas que *Espeusipo* não hesitou em divulgar. Ele ensinou que o universo era governado por uma inteligência eterna que foi a causa primeira: *vim quandam dicens, qua omnia regantur eamque viventem*⁹⁵; e isto, no entanto, contribuiu para sacudir as opiniões⁹⁶ dos pagãos⁹⁷ de seu tempo: *tentans evellere ex animis deorum cognitionem*. Mas este filósofo contentou-se em herdar as concepções⁹⁸ de seu tio, não queria preservar sua virtude, nem imitar-lhe os costumes, pois era livre demais em seus prazeres e muito interessado em riquezas temporais, o que o levou a exigir dinheiro com avareza daqueles que vieram ouvi-lo, ao invés de, como Platão, ensinar gratuitamente: *Plato sua limina terentes gratis docebat*, como disse [a *Espeusipo*] Dênis de Siracusa, *tu vero tributa exigis et à volentibus ac nolentibus accipis*⁹⁹. Ele fez

⁹³ Tratado aristotélico que faz parte do *Órganon*, obra composta pelos livros *Categorias*, *Da Interpretação*, *Analíticos Anteriores*, *Analíticos Posteriores*, *Tópicos* e *Refutações Sofísticas*.

⁹⁴ O termo francês aqui traduzido por “probabilidade” é *vrai-semblances*.

⁹⁵ Cícero, *De Natura Deorum*, livro I, 32. *Nec multo secus Speusippus Platonem avunculum subsequens et vim quandam dicens, qua omnia regantur, eamque animalem, evellere ex animis conatur cognitionem deorum*.

⁹⁶ Foucher usa o vocábulo *opinions*.

⁹⁷ Lit.: *Payen*. Foucher usa esse termo anacronicamente. Alguns dicionários apontam relações entre as expressões *Paiën* (pagão) e *Paysan* (camponês). Do ponto de vista histórico da língua romana ocidental, sabemos que, inicialmente em período pré e proto-cristão, o *paganus* (latim: morador da aldeia, do campo) se contrapunha ao *urbanus* (latim: morador da urbe ou cidade). Posteriormente, o *paganus* passou ser usado pelos soldados romanos para designar pejorativamente os civis. Em torno do século IV, com a institucionalização do cristianismo como religião oficial do Império Romano, a maior parte dos convertidos a esta religião concentrava-se nas cidades, enquanto que a população do campo demorou a passar pela “cristianização”; os cristão da *urbe*, então, passaram a usar o termo *paganus* para se referir aos camponeses não convertidos, o que, por extensão, “pagão” passou a significar qualquer pessoa não convertida, não mais restrito aos moradores do campo (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 1955, pp. 373, 516).

⁹⁸ Lit.: *des sentimens*.

⁹⁹ *Dionysius ad Speusippum scribens ait, Plato quidem gratis sua limina terentes docebat, tu verò tributa exigis, et à volentibus ac nolentibus accipis*. Citado em: Marsilii Ficini Florentini, *Insignis Philosophi Platonici, Medici, at que Theologi Clarissimi, OPERA*, Tomus Primus, *Epistolarum*, liber IV: *Chàritas, magnanimitas, sanctimonia Platonis*. Parisiis, Guillelmum Pele, 1670 p. 743). Ver também *D.L.*, IV, 2.1 e *Ateneu, Dipnosofistas* ou *Banquete dos Eruditos*, VII, 279 E.

vários *Comentários* e escreveu vários *Diálogos*¹⁰⁰, dos quais, agora, nada nos resta, a menos que queiramos pensar que sejam aqueles que adicionamos às obras de Platão, a saber, o *Axioco*, o *Sísifo*, o livro das *Definições* e alguns outros. Aristóteles comprou as obras [de Espeusipo por] três talentos¹⁰¹ e, provavelmente, foi nisto em que ele confiou para refutar Platão. Mas se ele tivesse sido mais justo, não teria rejeitado neste filósofo os defeitos de outro, e preferiria se opor às opiniões de Espeusipo do que às de Platão; porém, Aristóteles tinha planos de triunfar, e Platão era para ele um adversário mais nobre. Seja como for, vamos notar que Espeusipo tornou a Academia mais afirmativa do que era.

Xenócrates

[§22] *Xenócrates da Calcedônia* presidiu a Academia depois de Espeusipo; ele foi discípulo de Platão desde sua juventude, e o acompanhou em suas viagens; Diógenes diz que ele tinha a mente lenta¹⁰², entretanto eu acreditaria que a lentidão de seu espírito viesse mais do medo que tinha de errar do que de uma má disposição natural. Ele se alojou na Academia, onde lecionou durante 25 anos. Da mesma forma que Espeusipo se comprometeu a tratar da divindade, [Xenócrates] também teve o objetivo de filosofar a respeito da natureza da alma; ele não queria que ela, [isto é, a alma], fosse figurativa ou corporal, mas [sim que] sua natureza consistia em uma força motriz que ele dizia ser uma espécie de número, como antes dele os pitagóricos o haviam sustentado. *Animi figuram et quasi corpus negavit esse, verum numerum dixit cuius vis... Naturâ máxima esset*¹⁰³; isso é o que Cícero diz sobre ele, e, além disso, diz que Xenócrates exaltou a virtude: *Xenocratem illum gravissimum Philosophum exaggerantem tantopere virtutem, et extenuantem caetera, et adjicientem in virtute, non beatam modo vitam, sed beatissimam ponere*¹⁰⁴. Além disso, esse acadêmico estava bem ciente das opiniões mais secretas de seu mestre Platão, a quem acompanhou em sua viagem à Sicília e com quem compartilhou todos os acidentes de sua fortuna. Assim, esses dois filósofos construíram uma amizade tão próxima que ele teria dado sua vida de bom grado para salvar a de seu amigo, a quem ele acreditava dever todas as coisas; quando Dênis¹⁰⁵ ameaçou cortar a cabeça de Platão, Xenócrates teve a ousadia de dizer a esse tirano: “Não se terá a cabeça deste homem, não antes que se arranque a minha.”¹⁰⁶

[§23] Podemos, por conseguinte, observar que Xenócrates não apenas tinha opiniões muito boas, mas também que as levou à prática. Sua castidade era, de fato, tão grande que resistiu às contínuas investidas e às carícias de várias mulheres que, sem dificuldade alguma, as conseguiam de outros [homens]. A cortesã Frineia,

¹⁰⁰ Sobre as obras de Espeusipo, ver *D.L.*, IV, 4-5. Diógenes Laércio relata que Espeusipo escrevera um total de 43.475 linhas.

¹⁰¹ De acordo com o filósofo e sofista romano Favorino de Arelate (c. 80 - 160), no segundo livro de suas *Recordações*; citado por *D.L.*, IV, 5.20.

¹⁰² Lit.: *l'esprit pesant*. Sobre esse aspecto de Xenócrates, ver *D.L.*, IV, 6.

¹⁰³ Cícero, *Tusculanae disputationes*, Lib. I, 20: *Xenocrates animi figuram et quasi corpus negavit esse ullum, numerum dixit esse, cuius vis, ut iam ante Pythagorae visum erat, in natura maxima esset*.

¹⁰⁴ Cícero, *Tusculanae disputationes*, Lib. V, 51: *Quid ergo aut hunc prohibet aut etiam Xenocratem illum gravissimum philosophorum, exaggerantem tantopere virtutem, extenuantem cetera et abicientem, in virtute non beatam modo vitam, sed etiam beatissimam ponere?*

¹⁰⁵ Dionísio I ou Dionísio II, tirano de Siracusa;

¹⁰⁶ *D.L.*, IV, 11.

certa vez, fizera com que ele fosse obrigado a suportá-la¹⁰⁷ uma noite em seu [próprio] quarto e, mesmo fazendo-o concordar em dividir com ela uma parte de sua cama, [Frineia] nada ganhou com isso [da parte de Xenócrates] e foi obrigada a deixá-lo sem que ele a tivesse tocado de alguma forma: *Dixitque se non à viro sed à statua exire*¹⁰⁸. Também era extremamente religioso, a ponto de manter sua palavra àqueles a quem ele havia empenhado; [quanto aos] atenienses, que não acreditavam [na palavra de uma pessoa] sem antes fazê-la jurar, não lhe pediram que jurasse, porque tinham mais segurança em uma simples palavra de sua boca do que nos protestos de outros filósofos. Seu desprezo pelas riquezas era tamanho que recusava até aquelas que lhe eram oferecidas gratuitamente. Não vou me demorar muito em mostrar o quanto amava a justiça e quão incorruptível ele era. Foi enviado para a embaixada com o Rei Filipe da Macedônia e recusou os presentes desse príncipe. *Atque à Philippo dictum esse, solum Xenocratem ex omnibus qui ad se venerant Legatis, munera sprevisse*¹⁰⁹. Os atenienses, tendo-o enviado junto a Antípatro a fim de obter a liberdade de seus cidadãos, a quem este príncipe tinha levado cativos para a guerra, não quis ser tratado em um suntuoso banquete para ele preparado antes que seus concidadãos fossem entregues. *Quí Circé, prudens*, diz ele, como Ulisses, *Possim, vel sanior unquam. Laetari, ac cibere, atque cibum gustare priusquam. Solvantur scocii, mihi reddantur vel ad unum?* Não vou mencionar aqui vários outros fatos que podem ser lidos alhures; mas não devo esquecer [da ocasião em] que um jovem que não conhecia Música, nem Astronomia, nem Geometria, apresentou-se-lhe para ser recebido entre seus alunos; [Xenócrates] o recusa por não possuir as provisões necessárias: *Abi, ensis enim et adminiculis Philosophiae cares*; o que mostra o quanto [as Matemáticas] eram estimadas na Academia.

[§24] Seria desejável que tivéssemos todos os seus livros, mas deles não nos resta nenhum, dos quais compôs um número muito grande. Diógenes [Laércio] conta 240¹¹⁰, entre os quais há Geometria; ele também toca em [questões relativas às] Ideias, à Unidade de Deus, ao Bem Soberano, à Alma, à Natureza, etc. Ele havia feito um [livro] concernente a Pitágoras, outro no tocante a Parmênides; o restante era [sobre] Lógica, Física e Política; e tudo isso fora composto por um homem sobre o qual Diógenes diz ter tido um espírito lento e pesado. Acrescentemos que ele [compôs] versos até o número de pelo menos 345. Isto está atualmente perdido, e não temos mais do que alguns farrapos [sobre o tema da] Moral que foram adicionados aos fragmentos dos pitagóricos.

As [filósofas] da Academia

[§25] Sobre as mulheres que estudaram na Academia de Platão, direi apenas uma palavra, porque os autores quase não falam sobre essa questão, e sabemos muito pouco do que elas tinham em particular. No entanto, posso dizer que elas não eram tão reservadas quanto Damo, filha de Pitágoras, que preservou a doutrina de seu pai conforme o pedido que ele lhe dera antes de morrer¹¹¹. Talvez os escritos que esta menina tão secretamente preservou fossem os versos atribuídos a Pitágoras, e posso acreditar que eles continham a explicação de seus símbolos, que eu não discordo de que alguns pitagóricos tenham adicionados a estes versos e símbolos algo à sua maneira. Volto às nossas [filósofas] acadêmicas, entre as quais há rainhas

¹⁰⁷ Lit.: *obligé de la souffrir*.

¹⁰⁸ Ver *D.L.*, IV, 7.

¹⁰⁹ Ver *D.L.* IV, 9.

¹¹⁰ Diógenes Laércio diz que essas obras totalizam 224.239 linhas (*D.L.* IV, 11-4).

¹¹¹ *D.L.*, VIII, 42.

e várias mulheres de qualidade. Diógenes nos fala de uma que se chamava Lastênia¹¹², que não dizia apenas o que outrora ouvira [a respeito] de Platão, mas que ainda se envolvia com a previsão do futuro, contando, assim, o que nunca escutara de ninguém. Outra [filósofa acadêmica], a saber, Asioeteia¹¹³, concordou com Espeusipo em descobrir os segredos de Platão e divulgar a sua ciência, retomando a memória de todas [as coisas antigas] que ela tinha ouvido dizer. Foi assim que a maior parte dos grandes filósofos se enganou. Eles apresentam dificuldade em escrever sua doutrina, por temer que ela não seja publicada de maneira prudente¹¹⁴; e acontece que os discípulos [de Asioeteia], os quais foram descobertos [por estes filósofos], trazem-na à luz mais cedo ou mais tarde, e tratam-na menos exatamente do que eles mesmos teriam feito; de modo que, se eles não sentem falta assim de seu próprio movimento, eles não deixam de fazer na pessoa dos outros; e com tudo isso, no entanto, não quero condená-los, pois imagino que eles tenham suas razões para se aborrecer com o que fazem.

CAPÍTULO VI

Pólemon, Crates, Crantor: Acadêmicos da Antiga Academia

[§26] Pólemon foi extremamente pervertido em sua juventude, acostumado a se deleitar¹¹⁵ excessivamente com vinho e mulheres, a ponto de, para facilitar seus desejos, esconder dinheiro em lugares diferentes, a fim de tê-lo em mãos quando precisasse favorecer suas inclinações; foi encontrado [dinheiro] em uma coluna¹¹⁶ da Academia que ele havia escondido para esse propósito. Mas um dia, tendo bebido com seus camaradas, ainda com a cabeça coroada de hera, entrou impudentemente no lugar onde Xenócrates entretinha seus alunos, e Xenócrates não interrompeu seu discurso sobre a temperança; apenas se estendeu ainda mais, fazendo-o com mais contundência do que teria feito; tanto que tocou o jovem [Pólemon], [levando-o] a fazer uma boa conversão e a deixar sua devassidão, de modo que ele se tornou o mais sábio e mais habilidoso dos discípulos de Xenócrates¹¹⁷. Ele mesmo presidiu a Academia depois de [Xenócrates], e ficou famoso sobretudo por sua constância; desse modo, ele costumava dizer que o maior fruto da Filosofia não consistia na especulação, mas na ação. Ele era civil e honesto e [foi reconhecido] em Atenas como um homem íntegro. Frequentemente andava por ensinar, descansando em seguida em um jardim, no qual seus discípulos haviam construído pequenas cabanas feitas de folhagens onde eles ficavam. Além disso, ele havia se esforçado para imitar Xenócrates em tudo; e podemos muito bem atribuir-lhe pelo menos quase a mesma doutrina. Não temos mais [nenhuma informação sobre] ele, a não ser o que lhe atribui Cícero: *Officia omnia servantem vivere, cum summum bonum, secundum naturam vivere dixisset planissime Polemo*. Este Acadêmico acreditava que era necessário viver de acordo com a natureza: aquilo que os estoicos haviam desenvolvido colossalmente, pelo qual a razão e a honestidade deveriam ser seguidas em qualquer

¹¹² Lit.: *Astheanie*. Trata-se de Lastênia de Mantinea, filósofa discípula de Platão que estudou na Academia disfarçada de homem. Após a morte de Platão, continuou seus estudos com Espeusipo.

¹¹³ Lit.: *Axiothée*. Trata-se de Asioeteia de Filo, filósofa discípula de Platão que, igualmente a Lastênia, estudou na Academia usando roupas masculinas.

¹¹⁴ Lit.: *Ils font difficulté d'écrire leur doctrine, de peur qu'elle ne soit publiée indiscretement*.

¹¹⁵ Lit.: *accoutumé d'user*.

¹¹⁶ Lit.: *d'une colonne*.

¹¹⁷ Lit.: *seulement il l'étendit davantage et le poussa un peu plus fortement qu'il n'aurait fait; ce qui toucha si fort ce jeune homme, qu'il fit une bonne conversion et quitta entièrement ses debauches, si bien qu'il devint le plus sage et le plus habile des Disciples de Xenocrate*.

circunstância. No entanto, Pólemon começou a requerer uma certa disposição à fortuna¹¹⁸. *Dabit hoc Zenoni Polemo; etiam magister eius*, disse Cícero, *et tota illa gens et reliqui [qui] virtutem omnibus rebus antepoentes adiungunt [ei] tamen aliquid summo in bono finiendo*¹¹⁹. Em que vemos que este filósofo aproximou-se um pouco mais das opiniões dos peripatéticos do que das [opiniões] de Xenócrates no tocante à moralidade, e poderia-se pensar que foi na época deste filósofo - ou seja, Xenócrates - que começamos a distinguir os peripatéticos, que são assim chamados porque passeavam enquanto realizavam suas conferências de Filosofia.

[§27] O ateniense Crates sucedeu a Pólemon depois de ter estudado [sob sua orientação]; esses dois filósofos fizeram amizade entre si, e concordaram perfeitamente em suas opiniões, ambos ensinando no mesmo lugar durante toda a vida e, após morrerem, foram colocados [juntos] no mesmo túmulo. Arcesilau, indo ouvi-los, admirou-os e disse que eles eram [como] deuses, ou pelo menos homens que permaneceram no século dourado¹²⁰. Crates tanto escreveu vários livros de filosofia como belas cartas, assim como Pólemon, mas hoje nada mais nos resta [de seus escritos]. Ele teve como discípulos Arcesilau, Bión de Borístenes¹²¹ e Teodoro¹²², este último foi líder de uma seita em particular. Podemos dizer, a respeito de Crates, que este seguiu inteiramente as opiniões de Pólemon.

[§28] Depois da morte de Crates, o filósofo Crantor ensinou na Academia: ele havia estudado com Xenócrates, e depois com Pólemon, e quando lhe perguntaram por que se ligava a essa espécie de filosofia, respondeu que não sabia [em que outro lugar] se diria coisas mais belas e mais sólidas¹²³. Era amigo íntimo de Arcesilau¹²⁴, do mesmo modo que Pólemon havia sido de Crates e, ainda assim, não [viu maldade quando] Arcesilau implorou-lhe [a fim] de se colocar sob a orientação de Pólemon, porque [Crantor] estava convencido de que seu amigo [Arcesilau] o fez somente pelo desejo de aprender. Não ignorava a Arte da Poesia, e muito estimava a Homero e a Eurípides. Compôs um livro a respeito da tristeza e do choro, com o qual, assim eu penso, ele tentou se consolar com as misérias humanas; Cícero elogiou esse livro nos seguintes termos: *Legimus omnes Crantoris [veteris] Academici [librum] de luctu; est enim non maximus: verum aureolus et ut Tuberoni Panaetius praecipit, ad verbum ediscendus libellus*.¹²⁵ A perda deste livro é deplorável, se é verdade, no entanto, que o tenhamos [de fato] inteiramente perdido. Pode-se dizer que Cícero incluiu

¹¹⁸ Lit.: *Neanmoins Polemon commença à demander quelque petite disposition de la part de la fortune.*

¹¹⁹ *De Finibus Bonorum et Malorum*, IV, XVII, 51.

¹²⁰ Lit.: *du moins des homme qui étoient restez du siècle d'or.*

¹²¹ Bión de Borístenes (c. 325-c. 250 a.C.), que foi vendido como escravo junto com sua família, após a morte de um orador que lhe comprou a liberdade, foi para Atenas estudar filosofia. Segundo o relato de Diógenes Laércio (*D. L.*, IV, 46.1 - 58.10), Bión declara que seu pai era um escravo liberto e comerciante de peixe salgado, e sua mãe prostituta. Bión era um filósofo seguidor da escola cínica, com traços cirenaicos de Teodoro, o ateu (ver também *D. L.* IV, 23.5).

¹²² Teodoro, o ateu (340 - 250 a.C.), natural de Cirene que, de acordo com Diógenes Laércio (*D. L.* IV, 52.1), usava os recursos das “figuras sofisticadas de argumentação”.

¹²³ Lit.: *il répondit qu'il n'en sçavoit point où l'on dit de plus belles choses et de plus solides.*

¹²⁴ Lit.: *Il fut intime ami d'Arcesilas.* A tradução portuguesa de Diógenes Laércio feita por Mário da Gama Kury (2008) sugere que Crantor e Arcesilau eram enamorados; já a tradução de BRITO & DINUCCI (2019) afirma que eram amantes Crantor e Pólemon. Em todo caso, com a expressão “amigos íntimos” (*intimi ami*), Foucher atenua a relação homoafetiva ali presente, bastante comum entre os gregos antigos, particularmente entre os membros da Academia, mas fortemente inapropriada para os padrões morais no tempo de Foucher..

¹²⁵ *Acad. II*, 135.

algumas de suas partes em seu livro *De Consolatione*¹²⁶; e, por outro lado, eu poderia pensar que o *Manual de Epicteto*¹²⁷ também contém uma boa parte [do livro de Crantor]. De fato, ao que parece, Epicteto não inventou sua doutrina, e não a deu como novidade, mas sim como vinda de Sócrates, por cujas palavras ele a termina. Seja como for, Cícero nos assegura que Crantor rejeitou a indolência. *Non absurd Crantor ille qui in nostra Academia vel in primis fuit nobilis: minime inquit assentior iis qui istam nescioquam indolentiam magnopere laudant quae nec potest ulla esse nec nebet expectari. Ne aegrotus sim, inquit, sed si fuerim, sensus adsit, sive secetur quid, sive avellatur à corpore; nam illud nihil dolore, nom sine magna mercede contingit, immanitatis in animo, stuporis in corpore.*¹²⁸ Não é que este acadêmico pensasse que a dor corporal fosse um verdadeiro mal, mas que deveria tentar suportá-la, [a fim de] fortalecer o espírito¹²⁹ pelas considerações que fizera acima, sem prometer a si mesmo ser capaz de dispensá-la, nem encher-se com a esperança de chegar a uma certa apatia¹³⁰ que outros filósofos propunham como recompensa e o fim de seu trabalho e de seus estudos. De resto, deve-se acreditar que este acadêmico ainda estivesse [vinculado] às opiniões de Pólemon.

CAPÍTULO VII

Arcesilau e sua Academia

[§29] Arcesilau, vendo que a Academia de Platão havia degenerado, e reconhecendo que isso se devia à liberdade que foi tomada para trazer à tona muitas coisas que estavam encerradas na escuridão, avança muito além do que os discípulos podiam entender, os quais, por outro lado, estavam obcecados pelos dogmáticos, cujas objeções espalharam as trevas em seus espíritos¹³¹; [Arcesilau] se esforçou para restaurar a Academia à posição que ocupava no tempo de seu primeiro fundador¹³², e aplicou-se com todo o seu poder a combater todos os tipos de concepções; defendendo o *pró* e o *contra*¹³³, de acordo com o que fosse necessário

¹²⁶ *Consolatio* ou *Consolação*, livro perdido de Cícero, escrito em 45 a.C. por ocasião da morte de sua filha Túlia, em fevereiro do mesmo ano, que ficou enferma após um parto no mês anterior.

¹²⁷ Epicteto (55-135), filósofo romano, um dos mais importantes nomes do Estoicismo do período imperial. Filho de uma serva, seu nome significa “adquirido” e, na condição de servo, pertencia ao senhor Epafrodito, secretário dos imperadores romanos Nero e Domiciano. Em Roma, Epicteto tomou as lições do filósofo estoico Musônio Rufô (ca. 30-100), fundando sua própria escola em Nicópolis, após todos os filósofos serem expulsos de Roma por Domiciano. Foi amigo do imperador Adriano (76-138) e influenciou o pensamento do filósofo e também imperador Marco Aurélio Antonino (121-180). Nada escrevendo, seu aluno Lúcio Flávio Arriano Xenofonte (ca. 86-160) cuidou de compilar suas lições em oito livros (*As Diatribes de Epicteto*). Apenas quatro deles nos chegaram, hoje, sob o nome de *Encheiridion*, ou o *Manual de Epicteto*. (*O Manual de Epicteto*. [Trad. do grego: Aldo Dinucci; Alfredo Julien/Introd. e notas: Aldo Dinucci]. São Cristóvão: UFS, 2012).

¹²⁸ No texto de Foucher aparece à margem a citação “*Acad. quos.*, lib. 4”. Trata-se, todavia, da passagem das *Discussões Tusculanas*, III, 6.

¹²⁹ Lit.: *mais qu’il falait tâcher de la supporter en se fortifiant l’esprit.*

¹³⁰ Lit.: *à une certaine indolence.*

¹³¹ Lit.: *dont les objections leur repandoit des tenebres dans l’esprit.*

¹³² Isto é, Platão. Lit.: *il travailla à remettre l’Academie sur le pied qu’elle étoit du temps de son premier instituteur.*

¹³³ Referência à argumentação dialética de defesa e refutação à teses opostas. Ver sobre a argumentação do *pró* e *contra* na filosofia eclética de Cícero.

para arruinar todas as afirmações precipitadas, e recusando-se a ensinar positivamente aos espíritos que ele considerava mal dispostos. *Maluit*, como disse Cícero, *dedocere quos videbat male doctos, quàm docere quos dociles non arbitrabatur*. Não basta, porém, dizer coisas boas, nem sustentar verdades, a menos que as pessoas sejam trazidas [para dentro]; e foi isso que deu a Platão motivos para se queixar de alguns [autores] antigos, apenas aos quais ele disse que havia escrito, não levando em consideração aqueles que os leriam após sua morte.¹³⁴ Também os filósofos sobre quem acabamos de falar contentaram-se em encher a Academia com o ruído de suas palavras sem penetrar nas mentes de seus ouvintes¹³⁵, nos quais, em sua maioria, ainda se encontravam as mesmas trevas que haviam trazido consigo antes de se colocarem sob sua liderança.

[§30] Por conseguinte, isso deu motivo a este novo acadêmico para aplicar-se em restabelecer o método de Platão. *Primus hic mediam invehit Academicam negationes continens propter sermonum contrarietates: primus quoque in utramque partem disserere aggressus est; illudque orationis genus quod Plato tradiderat, per interrogationem ac responsionem, ex umbra, in certamen ac pulverem primus edixit.*¹³⁶ Seu desígnio não era provar que não se podia saber nada, mas descobrir a verdade, fosse ela o que fosse; é o que Cícero diz em vários lugares. *Arcesilam non obtrectandi causa, sed verum invenire voluisse sic intelligitur etc... Cum Zenone ut accepimus Arcesilas sibi omne certamen instituit, non pertinacia aut studio vincendi, ut mihi quidem videtur, sed earum rerum obscuritate quae ad confessionem ignorationis adduxerunt Socratem.*¹³⁷ De fato, esse acadêmico temia perturbar as mentes¹³⁸ pela contrariedade dos dogmas e, por isso, ele não quis estabelecer nenhum [dogma] cujo contrário pudesse ser sustentado com alguma aparência de razão. Foi por esse motivo que ele introduziu a suspensão do julgamento (*ἐποχέ*)¹³⁹, não como o fim último da Filosofia, nem como seu principal objetivo, mas como uma vantajosa disposição para evitar o erro. *Assentionis retentio in qua melius sibi constitit Arcesilas, si vera sunt quae de Carneade nonnulli existimant: si enim percipi nihil potest, quod utrique visum est, tollendus est assensus: quid enim tam futile quam quid quam approbare non cognitum?*¹⁴⁰ Quem pode duvidar que seja algo muito indigno do sábio cair em erro ou em preconceito [?]¹⁴¹ E não devemos confessar que Arcesilau tinha bons motivos para fazer todos os esforços a fim de impedir que alguém se enganasse [?] *Sapientis hanc senset Arcesilas vim esse maximam Zenoni assentiens, cavere ne capiatur, ne fallatur, videre.*¹⁴²

[§31] Com tudo isso, no entanto, este acadêmico não deixou de sustentar as opiniões de Platão, e de ensiná-las a alguns de seus discípulos em quem ele encontrou os mais bem dispostos em receber sua doutrina; foi o que Sexto [Empírico] disse estar seguro nele: *Ferunt ipsum primo aspectu visum esse Pyrrhonium, vere autem dogmaticum fuisse, et cum in familiaribus periculum faceret, suis dubitationibus an naturam aptam ad percipienda Platonis dogmata haberent, existimatum fuisse ὑπορητικόν, ist est dubitatore fuisse; at familiaribus suis qui ingenio praediti essent, Platonis doctrinam tradere*¹⁴³. Porque [Arcesilau] se serviu da dialética de Diodoro,

¹³⁴ Lit.: *c'est ce qui a donné sujet à Platon de se plaindre de quelques Anciens qu'il disoit avoir écrit pour eux seuls.*

¹³⁵ Lit.: *sans penetrer dans l'esprit de leurs Auditeurs.*

¹³⁶ *D.L.*, IV, 28.

¹³⁷ Respectivamente, *Acad.* II, 76 e *Acad.* I, 44.

¹³⁸ Lit.: *craignoit de troubler les Esprits.*

¹³⁹ Transliteração: *epokhé*.

¹⁴⁰ *Acad.* II, 59.

¹⁴¹ Lit.: *des prejugés.*

¹⁴² *Acad.* II, 66.

¹⁴³ *P. H.*, I, 234: A seguir, a tradução para o português brasileiro de HUGUENIN & BRITO, 2019: "Mas, se deve-se crer no que se diz sobre ele, falamos que primeiramente parece ser

diz ainda Sexto, acreditava-se que ele nada queria afirmar; mas, mesmo assim, ele era [um] verdadeiro platônico, *plane tamen esset Platonicus*¹⁴⁴. E era isso o que comumente se dizia deste acadêmico.

[§32] *Ante Plato, Pyrrho retro, medius Diodorus*. Olhando-o apenas por trás, ele teria sido confundido com Pirro, e considerando-o de perfil e de lado, teria sido tomado por Diodoro, o dialético; mas, olhando-o de frente, como se deve considerar um homem para bem conhecê-lo, ele teria sido tomado por Platão.

[§33] Não possuímos nenhum trabalho de sua autoria, e provavelmente nada escreveu: ele poderia ter dito, *non extat opus Arcaesilae, nec extabit unquam*, como Platão havia dito em sua época. Assim, de toda a sua doutrina, restam apenas dois males: *mala! particulares affirmationes*. Os males dos homens consistem em afirmar que certas coisas particulares são bens ou males e, ao contrário, seus verdadeiros bens consistem nas dúvidas que eles formam sobre a natureza das coisas que, comumente, parecem ser bens ou males; assim, é um mal assegurar que as riquezas temporais sejam bens, ou que a glória, as honras, os aplausos do mundo sejam bens: é outro mal assegurar que o desprezo dos homens, a pobreza e outros eventos particulares da fortuna sejam males, ao passo que, se duvidarmos de todas essas coisas, e se as olharmos com indiferença, tantas vezes como se faz, tantas vezes se adquire verdadeiros bens que consistem em boas disposições do espírito¹⁴⁵. É deveras fácil ver que, nisso, [Arcesilau] concordava perfeitamente com Platão e com Sócrates, que tinham desprezado as coisas particulares e as consideravam sujeitas à instabilidade, não tendo nada nelas mesmas, a não ser o que elas extraíam da opinião e dos preconceitos dos homens.¹⁴⁶

[§34] Nosso acadêmico aprendeu, em primeiro lugar, a Geometria de seu compatriota Autólico [de Pitane], e depois dedicou-se à Música; depois disso, ele foi ouvir Teofrasto, mas não encontrou nada que o satisfizesse na doutrina deste filósofo, a quem Cícero diz ter uma virtude grandemente enfraquecida, *qui nervos virtuti inciderat*; ele o deixou para entrar na Academia. Seu próprio irmão o levou a entregar-se à Retórica, mas ele apreciava demais a Filosofia à qual se ligou inteiramente. Ele não deixou, no entanto, de fazer versos, e amava muito Homero, de quem lia todos os dias alguma coisa antes de ir para a cama, mas, no que dizia respeito a Platão, ele o tinha o dia todo em suas mãos. Ele geralmente usava esse modo de falar, isso me parece verdadeiro, embora eu não possa dar nenhuma garantia disso¹⁴⁷. Ele foi muito eloquente até mesmo ao testemunho de Cícero: *Tanta Arcaesilae et copia rerum, et dicendi vis fuit*. Diógenes diz a mesma coisa: *Magna illi erat ultra omnes persuadendi quae vellet acrimonia*. E, embora refutasse as pessoas com grande força e sem poupá-las, elas não deixavam de ter o prazer de ouvir e receber suas instruções; porque ele era tão honesto e tão hábil que se fazia amado mesmo quando criticava e satirizava¹⁴⁸. *Erat enim vir egregie bonus*, disse Diógenes,

Pirrônico, mas na verdade era um dogmático; e, uma vez que testava seus compenheiros através do [método] aporético, para saber se naturalmente tinham disposição para a assimilação dos dogmas de Platônicos, suas opiniões eram aporéticas, contudo, de fato ele transmitia [os dogmas] de Platão aos companheiros naturalmente dispostos. Daí Ariston dizer sobre ele: *Pela frente, Platão; por trás, Pirro; no meio, Diodoro*. Por empregar a dialética de acordo com Diodoro, mas ser estritamente um Platônico.”

¹⁴⁴ P. H., I, 33; Trad.: “embora ele fosse um verdadeiro platônico”.

¹⁴⁵ Lit.: *qui consistent en de bonnes dispositions d'esprit*.

¹⁴⁶ Lit.: *l'opinion et des prejugez des hommes*.

¹⁴⁷ Lit.: *neanmoins je ne l'assure pas*.

¹⁴⁸ Lit.: *qu'il se faisoit aimer enreprenant et ensatyrisant*. O *Dictionnaire de l'Ancienne Langue Française et de tous ses Dialectes* (SLATKINE, Genève-Paris, 1982, vol. vii, p. 77), de Frédéric Godefroy, define o verberte **Reprenant** como “repreensão” ou “crítica”

suosque auditores bona spe plenos emittebat.¹⁴⁹ Cícero dá-lhe os títulos de homem honesto e sagaz¹⁵⁰, e S. Agostinho dá-lhes também: *Arcesilas vir acutissimus atque humanissimus*¹⁵¹. Ele voluntariamente não se envolveu com assuntos públicos, e nisso seguiu o conselho dos pitagóricos. Recusou várias vezes a corte do rei Antígono¹⁵²; tendo também sido enviado a uma embaixada junto com este príncipe, ele retornou sem ter obtido o que lhe fora exigido pelos atenienses. Ele estabeleceu seu domicílio na Academia, indo, todavia, alojar-se no Pireu¹⁵³ de tempos em tempos. Não posso esquecer de dizer uma palavra sobre sua constância. Cícero e Diógenes relatam que, sendo [Arcesilau] incomodado pela gota e tendo forte inflamação, Carnéades, que veio [visitá-lo], deu-lhe testemunho de [sua] tristeza, e desejou ir embora¹⁵⁴, por receio de que lhe fosse inconveniente, num momento em que o viu ser atacado com as mais severas dores; Arcesilau [teria lhe dito]: “Ficai, meu caro Carnéades, pois as dores dos meus pés não [alcançarão] minh’alma”.

[§35] Com tudo isso, esse acadêmico não deixou de ter caluniadores e, enquanto combatia fortemente os estoicos, alguns poetas, assim como Aríston - que professava vender sua doutrina -, se achavam interessados em censurá-lo e dizer-lhe insultos, do mesmo modo que outros caluniadores desse [círculo]: eles o acusaram, pois, de ser extremamente voluptuoso¹⁵⁵, e de se render aos prazeres que são de último excesso. Mas este estoico de nome não o tivesse falsamente acusado, como se fez anteriormente a Platão e a Sócrates, seria suficiente dizer em uma palavra, que este Acadêmico bem pode ter falhado contra sua própria doutrina, e que ele não era mais impecável do que outros homens; entretanto, mesmo entre os estoicos havia pessoas verdadeiramente sinceras e justas o suficiente para defendê-lo; entre outros, Cleantes, cuja sabedoria não foi fingida, como a de Aríston, a quem Sêneca e alguns outros autores consideraram inconstante e intruso. *Cum diceret quidam Arcesilam vitae officia negligere: Quiesce*, diz Cleantes, *neque vituperes: ille inim etsi verbis officia tollit, operibus tamen commodat*. Pare, pare de censurar Arcesilau, porque se através de suas dúvidas ele parece destruir os deveres da vida, ele os restaura por suas ações, *operibus tamen commodat*. Arcesilau, tendo ouvido este diálogo, disse a Cleantes que não gostava de ser bajulado, ao que Cleantes lhe respondeu: “não [significa] vos bajular [quando se afirma] que vós dizeis [umas] coisas e que fazeis outras”. Alguns o censuravam por gostar da ostentação e da glória fugaz, mas, para justificá-lo, basta ouvir Diógenes. *Cum tamen*, diz ele, *alioqui ita moderatus et fastus fugiens erat ut discipulos moneret et alios audiret*. Não somente ensinou seus discípulos a fugir da glória vã, como ele mesmo deu-lhes o exemplo, ouvindo os outros filósofos com tamanha humildade e paciência como se fossem um dos seus neófitos. Além disso, era uma máxima sua querer esconder o bem que praticava¹⁵⁶, e nisso seguia Platão, que reivindicava, como sabemos, que [caso] alguém tivesse se deixado levar pela virtude e pela justiça, jamais teria necessidade de usar o Anel de Giges, nem precisaria de outras testemunhas além da [própria] consciência: *Gratiam omni studio latere quaerebat*, diz Diógenes, referindo-se a Arcesilau, *fastum hujusmodi maxime abhorrens*. Com isso, ele era muito liberal e

(“*celui qui reprend, qui critique*”). Optamos em traduzi-lo, aqui, com o sentido de “aquele(a) que critica”.

¹⁴⁹ D. L., IV, Cap. VI, XII.

¹⁵⁰ Lit.: *d’honeste homme et d’homme d’esprit*.

¹⁵¹ Santo Agostinho, *Contra os Acadêmicos*, III, 17, 38.

¹⁵² Antígono II Gonatas (319-239 a.C.).

¹⁵³ Porto de Atenas.

¹⁵⁴ Lit.: *Ciceron et Diogene raportent qu’étant incommodé de la goutte et l’ayant fort enflammée, Carneades, qui le vint voir, lui témoigna de la tristesse, et le voulant quitter*.

¹⁵⁵ Lit.: *ils le taxoient donc d’être extrêmement voluptueux*.

¹⁵⁶ Lit.: *Outre cela c’étoit sa maxime que de vouloir cacher le bien qu’il faisoit*.

benéfico por natureza, como também diz o mesmo Diógenes: *Erat illi summa facilitas in communicandis rebus suis, atque ad conferenda beneficia promptus occurrebat*. Sêneca e Plutarco nos propõem, como exemplo, um lidando com benefícios, o outro, falando de verdadeiros amigos, sua liberalidade e seu modo honesto de agir. Eu já havia dito que este acadêmico, indo ver um de seus amigos que estava doente, escondeu, sob a cabeceira de seu leito, uma bolsa com dinheiro, e que o paciente tendo a encontrado inesperadamente, disse, mostrando para aqueles que com ele estavam: *En lusus Arcesilae*. “Eis a maneira com que Arcesilau tem o costume de brincar!”¹⁵⁷ Vemos também Diógenes assegurar que ele enviou a este mesmo filósofo mil peças de ouro da moeda do seu tempo como um presente. Ele também fez a fortuna de um certo Archias, recomendando-o tão bem a um de seus amigos que ele foi elevado a uma grande dignidade.

[§36] Arcesilau era considerado como um outro Aristipo, porque fazia banquetes com frequência, onde tratava suntuosamente seus amigos, e porque ele só usava pratos de prata, mesmo tendo vasos de ouro à sua disposição na Academia; mas uma distinção deve ser feita, a de que Aristipo era magnífico apenas para o seu prazer, [enquanto] que Arcesilau o era para os outros, emprestando-lhes sua prataria e dando-lhes com boa vontade, como o fez a alguém que veio para devolvê-la no tempo em que havia prometido. Assim, Arcesilau defendia a si mesmo [através de] suas boas ações, e nós não sabemos todo o bem que poderia [ter feito], do qual somente Deus e sua própria consciência foram testemunhas. No entanto, tinha inimigos e caluniadores, bem como defensores: e se tivesse que escolher, sempre teria [preferido] alguém que tivesse meditado a seu respeito, do que [a respeito] de sua doutrina; mas ele não podia com isso evitar que houvesse pessoas tão injustas a ponto de censurar sua doutrina e seus costumes; sua doutrina por ignorância, e seus costumes pela malícia. Com tudo isso, tolerava pacientemente a insolência e o descaramento de seus caluniadores e, longe de irritar-se contra eles, contentou-se em recitar-lhes alguns versos de Aristipo, *Anstippi creias recensebat*. Por fim, ele não poderia sofrer para que se avançasse às disciplinas, sem ter as disposições necessárias, nem que se pronunciasse decisivamente sobre coisas que não se concebe com toda a evidência que é necessária para se ter uma ciência verdadeira.

CAPÍTULO VIII

Os Discípulos de Arcesilau

[§37] Nomearemos, aqui, apenas três dos principais [discípulos de Arcesilau], embora este acadêmico os tivesse em grande quantidade; o que, mais cedo ou mais tarde, diminuiria mais do que aumentaria, se fosse bom fazê-lo por causa da verdade. Diógenes relata que um dos alunos [de Arcesilau], tendo-lhe dito que queria ouvir Hyponicus, foi tomado à mão pelo próprio [mestre] e levado a este filósofo, recomendando-lhe apenas que tivesse o cuidado de aprender ordenadamente e manter o respeito pela doutrina de seus professores. Teofrasto, por outro lado, não permitiu tão prontamente que Arcesilau o deixasse, pois ele se queixava disso, como tendo perdido um discípulo que prometia muito pela vivacidade de seu espírito: *Quam promptus atque ingeniosus adolescens*, disse ele, *è schola nostra discessit!* No entanto, pode-se dizer que Arcesilau tinha muito mais ouvintes do que

¹⁵⁷ Lit.: *louier (louer)*, verbo que encontra seu equivalente latino em *ludo*, cujos alguns dos sentidos são “jogar”, “brincar”, “recrear”, “gracejar”, “passar o tempo”, “fazer exercícios”, ou ainda “dar-se aos prazeres sensuais”, “iludir”.

seguidores¹⁵⁸, e não se deve surpreender, posto que ele era muito eloquente e falava muito agradavelmente. Não é de surpreender que tivesse menos discípulos, porque, afinal, não fazia profissão de ensinar nenhum dogma, contentando-se em refutar; e é por isso que alguns o abandonaram¹⁵⁹ para seguir os epicuristas. *Percontanti cur ex Discipulis aliis plerique ad sectam Epicuream transirent, ex Epicurea vero, nullus ad caeteros se transferret, respondit, quia ex viris quidem galli fiunt, ex gallis, viri numquam.* Nós também o abandonamos pelos epicuristas, pois, além disso, estes prometiam as volúpias que atraem todos os jovens, é que naturalmente nós gostamos de ser afirmativos, como o eram esses filósofos, cujo mestre Epicuro tinha muito em comum com os acadêmicos e os céticos, e tinha sido amigo íntimo de Carnéades. Nosso acadêmico era muito acessível e dedicado¹⁶⁰ para com seus discípulos, e também muito agradecido a seus mestres; lembremos do que fez à Hyponicus, quando este perdeu os sentidos¹⁶¹ por causa de uma doença; [Arcesilau] permaneceu em sua casa até que fosse curado, prestando-lhe os devidos cuidados¹⁶²; Hyponicus, como disse Diógenes, tinha um espírito extremamente duro e pesado, de maneira que Arcesilau dizia que, num bocejo, a Geometria tinha entrado em sua boca, posto que ele a dominava] muito bem¹⁶³, e que não era fácil conceber que tendo o [seu] espírito feito o que fez, ele poderia alcançar a perfeição dessa ciência.

[§38] Seus três principais discípulos são Bión de Borístenes, Lácides e Carnéades. Quanto a Carnéades, falarei a respeito separadamente no capítulo seguinte; mas, sobre Bión, não creio que se deva vê-lo como um acadêmico, tanto porque ele não observou as regras e os princípios da Academia, como porque estava vinculado a vários dogmáticos, mesmo depois de ter deixado os acadêmicos: de modo que se deve antes considerá-lo como um discípulo de Teodoro, a quem seguiu muito mais do que a Arcesilau; Teodoro, porém, passou por ateu em sua época, porque não reconhecia a pluralidade de deuses dos pagãos. Bión também estudou sob [a orientação de] Crates, o ateniense. No começo, ele desprezava a Academia, e imagino que foi na época em que estudou com Crates; e, embora tivesse uma certa estima por Arcesilau, isso não o impediu de abandoná-lo e de se agrupar com os cínicos: *Cynicum elegittin stitutum sumpto pallio et pera.* Em seguida, foi a Teodoro, com quem aprendeu a dizer várias coisas que eram consideradas impiedade; depois disso, estudou sob Teofrasto. Não falarei mais sobre este filósofo, porque ele deve ser tomado como um dogmático, e não como um acadêmico¹⁶⁴.

[§39] Não sei por que Diógenes, ao falar de Lácides, o considera um escolarca da Academia, pois esse filósofo não fez outra coisa a não ser seguir aquilo que propunha Arcesilau¹⁶⁵; no entanto, pelo fato de ter estabelecido sua Academia em um jardim cultivado pelo rei Attalus, muito próximo do lugar onde os outros acadêmicos haviam ensinado, jardim que nomeamos de *Lacidium*, por causa do nome de Lácides, Diógenes foi capaz de ver este lugar como uma nova Academia, especialmente porque [Lácides] a presidiu durante 24 anos. Ele designou Evandro como seu sucessor, e Evandro quis que Eginus o sucedesse, depois do qual Carnéades começou a presidir. Esse acadêmico, assim como seus antecessores, mostrou grande estima pela Geometria. Note-se, contudo, que a princípio sua

¹⁵⁸ Lit.: *Cependant l'ont peut dire qu'Arcesilas avoit beaucoup plus d'auditeurs que de disciples;*

¹⁵⁹ Lit.: *quelques-uns le quitterent.*

¹⁶⁰ Lit.: *Nôtre Academicien estoit fort facile et obligeant envers ses Disciples.*

¹⁶¹ Lit.: *témoin ce qu'il fit à Hyponicus, qui avoit perdu le sens par quelque sorte de maladie.*

¹⁶² Lit.: *en ayant beaucoup de soin.*

¹⁶³ Lit.: *parcequ'il la possedoit tres-bien.*

¹⁶⁴ Lit.: *parcequ'il doit passer pour Dogmatiste, plutôt que pour Academicien.*

¹⁶⁵ Lit.: *Je ne sçai pourquoi Diogene parle de Lacides, comme d'un chef d'Academie, car ce Philosophe n'a fait que suivre de desseind'Arcesilas.*

Academia foi chamada [de] *nova*, [assim] como a de Arcesilau, e que foi Diógenes começou a [fazer] distinção, chamando-a de *média*; mas vários autores, distinguindo apenas dois tipos de Academias, as classificam todas ou como Antiga Academia ou como Nova Academia, sem fazer outra distinção. O rei Átalo solicitou a Lácides que viesse vê-lo, ao que este recusou por diversas vezes, e disse-lhe, por fim, que bastaria observar as figuras de longe para achá-las belas, dando a entender que este Príncipe era apenas considerável por suas riquezas ou sua pompa externa¹⁶⁶, e que não necessitaria aproximar-se muito dele, por temer reconhecer os defeitos de seu espírito. Não devo esquecer de mencionar aqui uma linha de Plutarco, pela qual podemos ver que esse Acadêmico, [Lácides], [compartilhava] do sentimento e do humor de seu mestre Arcesilau¹⁶⁷ desejando, como ele, praticar o bem sem que isso viesse a ser conhecido, porque em filosofia, diz Plutarco, os “filhos” se assemelham a seus “pais”. Lácides, um dos discípulos de Arcesilau, participou de um julgamento que foi feito contra Cefisócrates (que foi acusado de ter conspirado contra os Magistrados de Atenas); como o acusador pediu que se observasse o anel que Cefisócrates tinha no dedo, pretendendo assim convencê-lo, o acusado teve a destreza de livrar-se secretamente do anel, deixando rolar lentamente para junto de Lácides que, pisando-o, escondeu-o sob os pés. Quando Cefisócrates foi declarado inocente, veio em seguida agradecer aos seus juízes, um dos quais, que tinha observado o que havia acontecido, disse-lhe: “Vá e agradeça a Lácides, pois sem ele você teria sido condenado!”. Em que vimos que Lácides, que havia salvado a vida desse homem, não disse uma só palavra sobre o ocorrido, e resolveu menos ainda contá-lo a quem quer que seja. Foi assim que Plutarco louvou, ao mesmo tempo, o mestre e o discípulo, e reconheceu não somente a bondade de sua máxima, mas também o cuidado que eles tinham em transformá-la em [ação] prática¹⁶⁸.

CAPÍTULO IX

Da Terceira Academia e de Carnéades, que era seu chefe

[§40] [Carnéades]¹⁶⁹ fez todos os esforços para destruir a presunção dos dogmáticos, obrigando-os a observar as leis da busca da verdade, e chegou ao ponto de necessitar de uma moral provisória [para orientar sua] conduta enquanto aguardava o conhecimento que os acadêmicos buscavam. Este filósofo dedicou-se à ciência dos Costumes¹⁷⁰. *Physicae minus curam habui, Ethicae magis se devovit*: e isso lhe permitiu¹⁷¹ trazer à luz este belo princípio, que era necessário ser conduzido pela fé, enquanto esperava pelo conhecimento evidente da verdade, cada um tendo que oferecer sua consciência para julgamento e recompensa de suas boas ações. Este acadêmico era tão eloquente que até mesmo os oradores profissionais vinham ouvi-lo, e o estimaram com tamanha grandeza que alguns foram suficientemente supersticiosos para dizer que, quando de sua morte, ocorreu um miraculoso eclipse lunar. *Eclipsim Lunae factam ajunt, ut compati sibi videri posset pulcherrimum post solem sidus*. Ele viveu 85 anos e escreveu diversas cartas para Ariathe, rei da Capadócia.

¹⁶⁶ *D.L. IV, 60*. Há uma citação marginal no texto de Foucher: *Diogene, lib. 4*.

¹⁶⁷ Lit.: *cet Academicien étoit du sentiment et de l'humeur de son Maître Arcesilas*.

¹⁶⁸ Lit.: *de la reduire en pratique*.

¹⁶⁹ O texto original traz o nome de “Arcesilau” na entrada deste parágrafo, mas, como podemos ver, trata-se claramente ou de erro tipográfico, ou de confusão feita pelo autor, pois é Carnéades a quem Foucher dedica este capítulo IX, basta comparar as informações aqui apresentadas com Diógenes Laércio (*D. L. IV, 62-6*).

¹⁷⁰ Lit.: *la science des Moeurs*.

¹⁷¹ Lit.: *et cela lui donna lieu*.

Quanto aos outros escritos a ele atribuídos, foram feitos por seus discípulos, e não temos mais nenhum deles atualmente; [apresento] aqui somente o que encontrei em Cícero e em Sexto Empírico.

[§41] 1. Cícero diz que ele consentia, algumas vezes, em receber opiniões, mas a palavra “opinião”, sendo equívoca, deve ser explicada e, em primeiro lugar, podemos garantir que Carnéades não queria que nos rendêssemos às opiniões nem às concepções no campo da ciência, mas apenas consentiu que formulássemos atos de fé e de crença em certos fatos, e é isso que, em alguns lugares, Cícero chama de *opinar*: isso diz respeito, como já falei em minha *Apologia*¹⁷², somente às ações particulares, seja para o presente, seja para o passado ou para o futuro: ou porque não é possível obter as demonstrações sobre tais assuntos: nesse sentido, é preciso seguir a verossimilhança, mas, ainda assim, sem dar um consentimento como aquele que se dá aos dogmas da ciência. Assim, o próprio Cícero elogiou extremamente o propósito de Carnéades, [qual seja], o de extirpar por completo a opinião do espírito dos filósofos. *Herculis quendam laborem*, disse ele, *exhantlatum à Carneade, qui feram et immanem belluam, sic ex animis nostris assentionem et opinionem extraxisset*: e, nisso, este acadêmico não fizera outra coisa senão seguir a perspectiva de Platão, que recusa a opinião para liderar em questão de ciência, *opinionem omnes, absque scientia, turpes esse*, dizia ele, *quarum, quae optima, caecae sunt, et qui obsque intelligentia verum aliquid opinantur, non disserunt à coecis qui recto traemite gradiuntur*. Pode-se ainda tomar a palavra *opinião* em outro sentido, como todo tipo de sentimento ou consentimento do espírito em geral, quer certo, quer incerto; Assim, se poderia dizer, como Cícero, que Carnéades queria que se opinasse, ou seja, que se afirmasse em questão de ciência por receber algum dogma; isso é confirmado por uma passagem na qual é dito que Carnéades consentia que se opinasse, mesmo que fosse impossível compreender qualquer coisa pelos sentidos. *Assensurum esse sapientem, nihil ad hanc controversiam pertinere; licebat enim nihil percipere, et tamen opinari, quod à Carneade dicitur probatum*: [nesta passagem, vemos] facilmente o que Cícero quer dizer, que Carnéades consentia que deveríamos receber alguns dogmas, mesmo quando seria impossível compreender alguma coisa que estaria fora de nós. Não é necessário, por conseguinte, tomar aqui a palavra *opinião* em seu significado próprio e particular, mas em geral, quando se emprega às vezes a palavra “ciência” para [designar] todos os tipos de ofícios e disciplinas¹⁷³. Entretanto, penso ser mais justo e mais razoável tomá-la em sua significação própria, quando se fala como filósofo e, sobretudo, como acadêmico. Penso, também, que Agostinho interpreta melhor o termo *opinião*, e que é mais exato ao falar sobre este termo quando distingue três disposições do espírito, [quais sejam], *conceber*, *crer* e *opinar*¹⁷⁴. *Quod concipimus*, disse esse padre, *rationali debemus, quod credimus auctoritati, quod opinamur, errori*. Há aqui uma diferença entre *crer* e *opinar*: pois, como veremos, aquele que *crê* se comporta mediante o julgamento que faz daquela autoridade a quem segue, enquanto que aquele que *opina*, comporta-se segundo o seu próprio julgamento: é verdade que, quem *crê*, também julga de alguma maneira, mas não julga precisamente o objeto de sua crença¹⁷⁵, [pois, independentemente] de seu julgamento, aquele em cuja autoridade ele acredita não se engana. Por isso Santo Agostinho disse, *Auctoritati credere, magnum compendium est*; pois há apenas um julgamento a ser feito a fim de determinar em relação a uma infinidade de coisas, que é que aquele cuja autoridade se segue é bem iluminado e não deseja nos enganar: porém, se esse julgamento é infalível, como no caso da fé divina, as consequências são certas, embora não sejam nem claras nem evidentes.

¹⁷² Trata-se do livro de Foucher *Apologia dos Acadêmicos*. Cf. Nota 89.

¹⁷³ Lit.: *toute sorte d'Artset Disciplines*.

¹⁷⁴ Os três verbos aqui usados são *concevoir*, *croire* e *opiner*.

¹⁷⁵ Lit.: *de la chose qu'il croit*. Outra tradução possível: “aquilo em que acredita”.

[§42] 2. Este Acadêmico reconhecia vários tipos de verossimilhanças e de probabilidades, como diz Sexto Empírico, e veremos a seguir como isso deve ser interpretado. Entretanto, essas probabilidades ou verossimilhanças referiam-se principalmente às ações particulares da vida e à obediência devida à fé e ao julgamento da consciência; e foi isso que ele propôs tratar [de modo] particular. Aqui está uma de suas máximas: se fosse sabido em segredo que um inimigo ou outra pessoa de cuja mortese teria interesse viria a se sentar na grama, sob a qual haveria uma víbora¹⁷⁶ escondida, deveria-se avisá-la e, mesmo assim, não se poderia repreender por ter-se mantido em silêncio nesta ocasião: *si scieris, inquit Carneades, aspidem occultè latere uspiam, et velle imprudentem super eam assidere, cujus mors tibi emolumento futura sit, improbe faceris visi monueris ne assideat, sed impune tamen id te constaret fecisse: quis enim coarguere possit?* Esta doutrina é admirável e sem dúvida é muito digna do cristianismo, pois aqui está o que há de mais digno no cristianismo, que é fazer o bem a seu inimigo, e fazer isto sem a esperança de ser recompensado neste mundo: entretanto, eis aqui o que os acadêmicos se dispuseram seguir, e seria fácil mostrar que Platão, Arcesilau, Lácides e outros propuseram a si mesmos semelhantes máximas como fim, transformando-as em [ação] prática, conforme já vimos. E, por outro lado, não se deve dizer que os cristãos os inspiraram com esses sábios pensamentos, nem que isso lhes fora atribuído após o fato¹⁷⁷: pois Cícero relatou estas coisas antes do nascimento temporal de Jesus Cristo, muito embora concordo em dizer que o primeiro acadêmico, [isto é, Platão], de cujos escritos os outros [acadêmicos] tinham extraído suas opiniões¹⁷⁸, os tenha mesmo retirado dos nossos Patriarcas e Profetas, pois, afinal de contas, não penso que essas verdades sejam provenientes de outra parte, senão desta fonte de luz que se espalha sobre todos os espíritos¹⁷⁹, *à quocumque verum discitur, ab eo discitur qui est veritas.*

[§43] 3. Carnéades só disputava contra os estoicos, no tocante ao *critério da verdade* e em alguns pontos da física; pois concordava bastante com eles em questões morais, principalmente com Crisipo, de quem dizia: *Si Crisippus non fuisset, non essem ego.* Em uma palavra, todas as contestações que ele teve foram com a finalidade de ser útil ao conhecimento da verdade; é o que Cícero diz sobre ele, assim como de Arcesilau, *Carneades ita multa disseruit, ut excitaret homines non socordes, ad veri investigandi cupiditatem.* Ele também concordava em muitos aspectos com Epicuro, de quem era contemporâneo e amigo, e Epicuro não estava [tão] distante que se pudesse acreditar nas opiniões dos estoicos, como Sêneca deixa bem claro.

[§44] 4. Carnéades defendia fortemente a liberdade; sobre isso, disse Cícero: *Carneades, dicebat Epicureos deffendere posse libertatem contra Stoicos, non concedendo omnis quae fierent fieri à causis antecedentibus; voluntatis enim nostrae non esse causas externas et antecedentes.* Eis como o nosso acadêmico argumentava: se todas as coisas são feitas por causas anteriores, elas devem necessariamente acontecer, e são produzidas pelo destino, como por uma série de causas subordinadas pela necessidade: mas não se contesta que existem ações que dependem de nós e que são contingentes; por conseguinte, nem todas elas são realizadas por causas externas e antecedentes: *Est autem aliquid in nostra potestate: at si omnia fato fiunt (sunt) omnia causis antecedentibus fiunt: non igitur fato fiunt, quaecumque fiunt.* É desse modo que Cícero o faz raciocinar; mas, seja qual for esse raciocínio, ele parece supor aquilo que está em questão, a saber, que existe algo em nosso poder, nós não deixaremos, contudo, de reconhecer que Carnéades, assim como Platão, queriam que nossa alma tivesse em si mesma a capacidade de se mover e de se determinar; com efeito, eles

¹⁷⁶ Lit.: *un aspic*, um nome comum para “víbora”.

¹⁷⁷ Lit.: *après coup*.

¹⁷⁸ Lit.: *avoient puisé ces sentiments*.

¹⁷⁹ Lit.: *de cette source lumieres qui se repand dans tous les esprits*.

pensavam, como os pitagóricos, que era uma força movente, e a consideravam uma espécie de número, *numerus se movens*, e, posto, a liberdade estava estabelecida.

[§45] 5. No que diz respeito à retórica, Carnéades não a estimava, a menos que fosse governada por uma boa filosofia, *tum maxime significabat eos qui Rethores nominarentur, et qui dicendi precepta traderent, nihil plane tenere, neque posse quemquâ facultatem assequi dicendi, nisi qui Philosophorum inventa didicisset*; e, no entanto, Cícero o considerava muito eloquente, *Carneadis vis incredibilis illa dicendi, et varietas, dizia este grande orador romano, perquam esset optanda nobis, qui nullam unquam in suis disputationibus rem deffendit quam non probarit, nullam oppugnarit quam non everterit*.

[§46] Por fim, Santo Agostinho representa este acadêmico como o mais sonolento de todos os filósofos, *caeteris altius dormiebat*, e este padre quis dizer com isso que Carnéades rejeitava os julgamentos dos sentidos¹⁸⁰ ainda mais fortemente do que os outros acadêmicos, na medida em que ele não distinguia a vigília do sono, no que diz respeito ao conhecimento das coisas que estão fora de nós. Porém, nem Platão nem Arcesilau estavam menos adormecidos quanto este último, [isso] para não dizer que eles, dentre os homens, eram os que, talvez, estavam mais atentos¹⁸¹, porque não consideravam os fantasmas da imaginação como seres verdadeiramente existentes fora da nossa mente. Mas Santo Agostinho, que brinca¹⁸² assim falando desse filósofo, [isto é, Carnéades], não estava menos persuadido do que ele, no que diz respeito à falsidade das aparências sensíveis.

[§47] Eis o que podemos notar no tocante a Carnéades, em que observaremos que sua Academia não era diferente da de Arcesilau, senão pelo seu comprometimento em desenvolver diversos assuntos da moral, que Arcesilau não havia trazido à luz¹⁸³. Com relação aos seus discípulos, falaremos dos mais importantes, ao tratarmos da quarta e da quinta Acadêmias; diremos [a seguir], todavia, algumas palavras sobre Clitômaco.

Clitômaco

[§48] Este filósofo fora criado por Carnéades, que o associara ao programa de sua Academia¹⁸⁴, tendo-o educado desde a juventude. [Clitômaco] escreveu mais de 80 livros que não temos mais e dos quais temos apenas alguns fragmentos, relatados por Cícero; dos quais faremos explicações separadamente. Esse acadêmico ainda era muito eloquente no julgamento de Cícero, mas parece-me que este grande orador apreciava nesses filósofos a força do pensamento, ao invés do artifício das palavras; mas, afinal, não há nada mais eloquente que a verdade, [posto que] ela facilmente triunfa sobre os espíritos quando não é obscurecida por ambiguidades ou por más expressões. Clitômaco foi designado por Carnéades como seu sucessor, sendo um homem muito estudioso e muito amigo do trabalho, *qui usque ad senectutem cum Carneade fuit, hommo acutus, ut Poenus, et valde studiosus ac diligens*; ele foi chamado Asdrubal em seu país. Diógenes nos assegura que ele [pertencia] a três seitas, a saber, os peripatéticos, os acadêmicos e os estoicos, mas penso que ele não tenha retido dos peripatéticos e dos estoicos, senão aquilo o que poderia condizer com as

¹⁸⁰ Lit.: *les jugemens de sens*.

¹⁸¹ Lit.: *pour ne pas dire qu'ils vieillissent peut être plus que les autres hommes*.

¹⁸² Lit.: *joué*.

¹⁸³ Lit.: *qu'Arcesilas n'avait point mis au jour*.

¹⁸⁴ Lit.: *qui l'avait comme associé avec lui dans le dessein de son Academie*.

opiniões da Academia, pois ele seguia as [opiniões] de Carnéades e escreveu quatro livros [sobre] a suspensão do juízo, *de sustinendis assentionibus*.

CAPÍTULO X

Da quarta academia, instituída por Fílon

[§49] Se não se deseja que Fílon seja [incluído no rol dos líderes] Acadêmicos, deve-se pelo menos admitir que ele tenha sido um acadêmico respeitável. É verdade que Diógenes silencia sobre ele, assim como sobre Antíoco, seguidor de Fílon; mas Cícero, Plutarco, Sexto Empírico e Santo Agostinho falaram a seu respeito com grande proveito. *Philone autem mortuo*, disse Cícero, *patrocinium Academiae non defuit*, testificando que esse filósofo tinha sido líder ou patrono da Academia. Não é necessário avisar aqui que este Fílon é outro, que não o Filon judeu, pois aquele de quem estamos falando é natural de Tebas, na Grécia, e o outro da Judeia; mas, ainda assim, ambos foram seguidores de Platão. Vamos olhar para Fílon de Tebas, considerando-o um líder acadêmico, pois ele deu uma nova forma para a Academia depois de Carnéades, pretendendo fazê-la passar pela [Academia] antiga, *Antiochi magister Philo, magnus vir*, disse Cícero, *negarat in libris quos etiam ex ipso audiebamus, duas Academias esse, erroremque eorum qui ita putarant, coarguit*. Arcesilau não tinha a intenção de estabelecer nada, e Carnéades tratou apenas da moral; os dogmáticos da época de Fílon disseram que os acadêmicos tinham a intenção de destruir todas as ciências, porque destruíram suas preconceções porque rejeitaram em absoluto o conhecimento [adquiridos a partir] dos sentidos, para julgar a verdade das coisas que estão além de nós, ao invés de ter uma palavra a dizer, se esses acadêmicos tivessem afirmado alguma coisa. Mas Fílon, que bem sabia que o desígnio¹⁸⁵ da nova Academia não era diferente do de Platão, colocou-se no dever de torná-la familiar¹⁸⁶; de modo que deve ser dito que, ou Platão havia renunciado a todas as espécies de ciências, ou que os acadêmicos não as tinham renunciado; e para provar isso, seria necessário sustentar, como fez este Acadêmico, que quando seria verdade que não se podia compreender pelos sentidos as coisas que estão fora de nós, não seria necessário, por este motivo, se desesperar em reconhecer verdade. Não é que Cícero fosse totalmente [de acordo] com a opinião de Fílon no tocante a essa questão; porquemesmo ele admite que não sabia como esse acadêmico poderia esperar conhecer a verdade, tendo rejeitado a compreensão pelos sentidos, *κατάληψιν*¹⁸⁷, mas isso não impede que ele tenha reconhecido que Fílon era da [mesma] opinião que estamos dizendo. Isso é o que ele atribui a ele. *Hanc Academiam*; saber que de Arcesilau, *quae mihi, vetus videtur* (deve ser entendido como se houvesse, *quae Philoni*, porque Cícero fala em seu nome) *Si quidem Platonem ex illa vetere numeramus, cujus in libris nihil affirmatur, et in utramque partem multa disseruntur, de omnibus quaeritur nihil certo dicitur, quae usque ad Carneadem producta, qui quartus ab Arcesila fuit, in eadem Arcesilae ratione permansit*. Observe estas palavras: *in eadem Arcesilae ratione permansit*. Carnéades seguiu Arcesilau, e Arcesilau não estava distante de Platão; portanto, Fílon tinha razão em limitar a nova Academia à antiga: *Carneades*, acrescenta Cícero, *nullius Philosophiae partis ignarus*, para mostrar que este acadêmico, não obstante todas as dúvidas, não deixou de reconhecer diversas verdades em vários tipos de ciências.

¹⁸⁵ Lit.: *le dessein*.

¹⁸⁶ Lit.: *si mit en devoir de le faire connoître*.

¹⁸⁷ Foucher cita a palavra no feminino acusativo singular, ou, mais estranhamente ainda, imagina que ela seja um vocábulo neutro.

[§50] Fílon tinha por discípulos Antíoco, Heráclito de Tiro, Varrão, Cícero, Brutus e vários outros ilustres, tanto gregos quanto romanos. *Eo tempore cum Princeps Academiae Philo cum Atheniensium Optimatibus, Mitridetico bello, domo praefuisset, Romamque venisset, totum ei me deci.* Foi desta maneira que Cícero fez Brutus falar. Em se tratando de Sexto Empírico, ele diz somente duas palavras sobre este acadêmico, apenas para distingui-lo de seus cétricos¹⁸⁸, a saber, que ele pensava que as coisas externas são imediatamente incompreensíveis pelos sentidos, e pela fantasia ou imaginação; e que, no entanto, não deixam de ser compreensíveis por sua natureza, ou seja, que podemos conhecer a [sua] natureza certamente pela razão e pelo entendimento. *Philo autem ait, quantum ad sto cum criterium, id est phantasiam comprehensivam; res incomprehensibiles esse; quantum autem ad naturam rerum, comprehensibiles.* De resto, Fílon e Antíoco nem sempre ensinaram na Academia, porque eles habitaram durante muito tempo em Roma e algumas outras cidades, e foi provavelmente por essa razão que Diógenes Laércio não falou sobre isso.

[§51] Devemos dizer uma palavra sobre Heráclito de Tiro¹⁸⁹. Esse filósofo estudou sob [a orientação de] Clitômaco e depois sob Fílon; também seguiu a Antíoco, senão como discípulo, pelo menos como amigo e, comprometido com os mesmos estudos, amiúde disputava contra ele. Cícero fala assim: *Homo sane in ista Philosophia, quae nunc propè dimissa renovatur, probatus et nobilis, cum quo et Antiochum saepe disputantem audiebam, sed utrumque leviter.* primeiro, deve-se notar que, na época de Cícero, a Academia era muito pouco frequentada, *quae nunc propè dimissa.* Na verdade, ele não encontrou nada além de uma [grande] solidão ao visitar este local com seus amigos, [pois não havia] somente um lugar que tinha sido abandonado, como também uma doutrina que foi quase inteiramente esquecida. Segundo, [deve-se observar] que Cícero afirmava ter reinventado essa maneira de filosofar, *quae nunc propè dimissa, renovatur.* Essa decadência, no entanto, havia sido causada, no tocante ao lugar, pelas guerras dos gregos, e, no que diz respeito à doutrina, advinha da autoridade que os dogmáticos se davam o direito de exercer sobre os espíritos, que não tinham, à época, destreza e experiência suficientes para desenvolver os sofismas através dos quais se envolveram em preconceções. Veremos este Heráclito como [compartilhando] das opiniões de Fílon, e tendo disputado contra Antíoco, seja para descobrir mais a verdade, seja preservar os pontos de vista que Fílon havia adotado na Academia, e que Antíoco pretendia mudar.

CAPÍTULO XI

A Quinta Academia: Antíoco

[§52] O acadêmico [Antíoco] tinha o mesmo desígnio que Fílon, mas ele se ocupou com isso de outra maneira. Fílon mostrou que as dúvidas dos acadêmicos estavam em Platão; e Antíoco se empenhou em mostrar que a ciência de Platão se encontrava nos acadêmicos. Um trouxe Platão para os acadêmicos, e o outro levou os acadêmicos de volta a Platão. Mas é certo que ambos, Fílon e Antíoco, pensavam que os acadêmicos tinham reconhecido verdades de forma sistemática¹⁹⁰: como Antíoco o apoiou positivamente, deu-lhes todo o conhecimento de Platão; e Fílon, que reduziu a nova Academia à antiga, a fez partilhar seus dogmas, bem como suas dúvidas. Além disso, é certo que Platão tinha muitos dogmas, alguns suficientemente

¹⁸⁸ Lit.: *de ses sceptiques.* Ou seja, os pirrônicos.

¹⁸⁹ Sobre Heráclito de Tiro, Cf. Cícero em *Acad.* II, 11.

¹⁹⁰ Lit.: *avoient reconnu des veritez pour constantes.*

testemunhado não só por Plotino, como por Apuleio¹⁹¹, que escreveu um livro, *De Dogmate Platonis*; mas ainda Cícero e Sexto Empírico não duvidam disso: e embora [Platão] nada tenha dito em seus *diálogos*, ele não deixou de fazê-lo em suas cartas e nas conversas privadas que teve com seus discípulos. Assim, Antíoco deu à Academia um rosto radicalmente diferente do que tinha à época de Arcesilau e Carnéades. Ela não tinha mais aquele ar zombeteiro e satírico que [aparecia grafado] em seu frontispício¹⁹² quando refutava, pela boca desses acadêmicos, as concepções e ilusões dos dogmáticos; porém, mais séria e mais grave, pronunciava verdades constantes ou, se quisermos, lançava oráculos e descobria mistérios. Quando as mais belas máximas dos estoicos foram registradas na Academia, começou-se a vê-la adornada com suas próprias riquezas que ainda não havia ostentado, e que manteve secretamente fechadas, em silêncio. Também Sexto Empírico nos diz que Antíoco tornou público na Academia as opiniões dos estoicos, *Stoica in Academien adduxit*: mas estas opiniões derivaram da moral de Sócrates, de quem Zenão, líder [dos estoicos], tomou-as emprestado: de modo que esse acadêmico fez antes uma restituição do que um nova aquisição¹⁹³ e, possuindo esses tesouros, aumentou-lhe o valor e o brilho, porque ele sabia como lidar com eles de uma maneira mais hábil e proporcionar-lhes um dia mais vantajoso¹⁹⁴. De fato, ele sabia como limitar essas verdades aos seus princípios e rejeitar as opiniões duvidosas que poderiam diminuir seu esplendor.

[§53] No entanto, Cícero ficou admirado ao ver que Antíoco assim como Fílon julgavam reconhecer as verdades constantes, eles que não queriam aceitar a “compreensibilidade” dos estoicos e rejeitavam inteiramente o julgamento dos sentidos: mas nesse aspecto Cícero pensava, junto com os estoicos, que, ao rejeitar essa *catalepsia* ou *compreensibilidade*, não havia motivo para esperar descobrir qualquer verdade constante; e foi por isso que ele disse, falando de Antíoco: “Qual dia feliz foi aquele que descobriu a marca da verdade que há tanto tempo foi ignorada, e que ele próprio recusara reconhecer?” *Quis iste dies illuxerit, quaeso, qui illi ostenderit cam, quam multis annis esse negavisset, veri et falsi notam?* Antíoco, bem como Fílon, não pensavam ter descoberto uma coisa nova, mas apenas começaram a trazê-la à luz: e, além disso, Cícero poderia muito bem esperar alguma descoberta por parte de Antíoco, a quem julgou ser o mais inteligente dos filósofos do seu tempo, *politissimum et acutissimum, nostrae aetatis Philosophorum*. Mas, por uma disposição mental contrária, Antíoco, por outro lado, ficou surpreso com o fato de Fílon ter ignorado esse *criterium*. E, como disse Cícero, esse homem, muito gentil por natureza, que nunca foi visto tomado pela ira, começou a se deixar levar quando lhe mostraram alguns livros atribuídos a Fílon e nos quais estava escrito que jamais devemos nos desesperar para encontrar uma marca tão distinta. *Homo natura lenissimus (nihil enim poterat fieri illo mitius) stomachari tamen coepit: mirabar; neque enim unquam ante videram*. Mas ele não precisa achar errado que Antíoco se irritasse pelo fato de alguns livros terem sido atribuídos a Fílon, pois, além de crer que eram supostos ou corruptos, eles continham algo que esse acadêmico não podia sustentar. Ele então apelou à memória de Heráclito, que havia estudado sob Fílon e com ele [i.e. Antíoco], e perguntou-lhe se ele já tinha ouvido seu mestre falar dessa maneira. Heráclito, respondendo-o, manteve a negativa, independente do que se reconhecesse nesse livro como sendo do estilo de Fílon; e ele acrescentou seu

¹⁹¹ Trata-se de Lúcio Apuleio (Madaura, atual Argélia, c. 125 - Cartago, c. 170-80), escritor romano e filósofo médio platônico.

¹⁹² Lit.: *cet air moqueur et satyrique qui paroisoit sur son front*. Foucher refere-se, certamente, à inscrição estampada na entrada da Academia à época de Platão: “Aqui não entre quem não for geômetra”.

¹⁹³ Lit.: *aquest*.

¹⁹⁴ Lit.: *leur donner un jour plus avantageux*. Uma expressão idiomática.

testemunho à persuasão de Antíoco: de modo que esses livros, tendo sido rejeitados, ele compôs um que nomeou *Sotus*, para refutá-los, e para mostrar que, não obstante as dúvidas dos acadêmicos, podia-se esperar encontrar o *criterium* da verdade. Entretanto, Cícero continuava a acreditar, no fundo de sua alma, que esses livros eram inteiramente de Fílon, e o cria pela razões aqui já ditas.

[§54] Aqui temos, por conseguinte, a diferença entre a Academia de Antíoco e as demais, expressa no modo como ele se dedicou a estabelecer positivamente as verdades, ao passo que Arcesilau combateu e destruiu as concepções, e Carnéades se esforçou para fornecer as regras para a conduta da vida, enquanto esperava pelo conhecimento evidente da verdade: e Fílon para mostrar que, apesar das dúvidas da Academia, podia-se prometer chegar à ciência de Platão, posto que Platão não duvidou menos do que os acadêmicos, que haviam sido reconhecidos como novos. Olharemos, pois, para Antíoco, assim como para Fílon como filósofos que empreenderam uma redução de todas as Academias à antiga, *remigrando*, diz Cícero, *è domo nova in veterem*. Além disso, exceto o livro que acabei de mencionar, não sabemos se ele escreveu outros; e, mesmo que isso viesse a acontecer, teríamos apenas motivo para lamentar a perda, pois não temos resquícios das obras deste acadêmico.

CAPÍTULO XII

De Varrão, em relação aos Acadêmicos

[§55] O erudito Varrão bem merece que se lhe diga algo a respeito, em relação à Academia, cujas opiniões ele havia estudado sob Fílon, de Antíoco e de Heráclito de Tiro. Esse ilustre romano não negligenciou a filosofia, a qual, aliás, estava fortemente envolvida com as *Belas Letras*, sobretudo com a pureza das línguas grega e latina. Não nos restam mais que algumas observações de gramática e alguns fragmentos do que escreveu sobre a religião dos gentios, que pode ser visto na *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho. Dir-se-ia que ponderara durante longo tempo sobre a escolha das Academias, não se decidindo nem pela antiga nem pela nova; mas, como de costume, aprendemos com o livro a ele dedicado por Cícero, *De questions Academicis*¹⁹⁵ que ele apreciava ouvir Heráclito de Tiro disputar contra Antíoco: e há, ali, uma aparência de que ele preferia a Academia antiga à nova, ou àquela que se tomava vulgarmente como a nova. Eis o que Cícero o faz dizer sobre este assunto: *Si vero Academiam veterem persequamur, quam nos, ut scis, probamus, quam erit illa acutè explicanda nobis! Quam argutè! Quam obscure etiam contra Stoicos disserendum! Totum igitur illud Philosophiae studium mihi ipse sumo, et ad vitae consuetudinem, et ad constantiam quantum possum, et ad delectationem animi, nec ullum arbitror, ut apud Platonem est, majus aut melius à Dijs datum munus homini*. Acredito que ele tenha escrito várias coisas no tocante aos acadêmicos, pois Cícero parece atestar a esse respeito, embora ainda seja necessário colocar essas obras na mesma categoria daquelas que perdemos. Tudo o que posso dizer é que Varrão tinha um espírito vívido e muito bom, e que os acadêmicos teriam se beneficiado grandemente com suas reflexões, se as guerras de Roma não tivessem lhe dado as ocupações que o desviaram de seus estudos e o fizeram dizer: *diutius silent musae Varronis*. No entanto, nós o consideraremos como alguém que teve as opiniões de Antíoco e de Platão, e podemos certamente considerá-lo como um ilustre acadêmico.

¹⁹⁵ Foucher refere-se à obra de Cícero sobre os filósofos da Academia, os *Academica*.

CAPÍTULO XIII

De Cícero, a saber, se devemos considerá-lo como líder da Academia

[§56] Para se constituir um líder acadêmico, são necessárias duas coisas. A primeira delas consiste em *extrair novas consequências dos princípios dos acadêmicos*; e a segunda, *fazer profissão de ensinar e ter discípulos*. Isto posto, tenho razões para duvidar se Cícero deve ser considerado como um líder acadêmico, pois, embora tenha pretendido tirar algumas consequências dos princípios dos acadêmicos, posso afirmar, no entanto, que essas consequências não devem decorrer destes princípios, e que, pelo menos em parte, ele os interpretou à maneira dos estoicos. E, quanto a ter discípulos, eu acreditaria facilmente que ele tinha vários, embora não tenha abertamente professado manter uma escola. Poder-se-ia dizer, tendo em vista suas *Tusculanas* e seus outros *Diálogos*, que ele estava declarando quais eram, efetivamente, seus discípulos, mas deve-se reconhecer que eram os personagens de cena por ele criados livremente, da boca dos quais fez emanar discursos que, pois, eles mesmos jamais pronunciaram de fato, de modo que, para dizer a verdade, deve-se encará-los apenas como discípulos em uma ficção¹⁹⁶. Isso também ele mesmo testificou escrevendo a Varrão, pedindo-lhe que concordasse em assumir algo que nunca havia dito. No entanto, é certo que Cícero tinha a intenção de formar uma nova Academia, da qual ele fala nestes termos: *Nobis nostra Academia magnam licentiam dat, ut quod cumque maxime probabile occurrat, id nostro jure liceat defendere*. Para dar um rumo ao seu espírito e às suas belas ideias, tomou a liberdade em sua academia para promover tudo aquilo que lhe parecia *provável*, e por saber que os acadêmicos não teriam aprovado sua iniciativa, desejou fazer um grupo separado, mantendo, como ele próprio falou sobre outrem, o título de “acadêmico” sem preservar a doutrina; e dizia isso de uma maneira muito ingênua. Rezemos à Academia de Carnéades que nos permita afirmar tudo o que nos agrada, pois, uma vez pondo-se a combater o que nós estamos estabelecendo, ela tudo derrubará! *Nam si invaserit in haec quae satis scitè nobis instructa et composita videntur, magnas edet ruinas*. “Eu gostaria de apaziguar”, acrescenta ele, “mas não me atrevo a rejeitá-lo(la) inteiramente”: *Quam quidem ego placare cupio, submovere non audeo*. Ele tinha um bom motivo para temer que seu projeto não fosse aprovado pelos acadêmicos, porque esses filósofos professavam se render apenas às verdades evidentes, e não se orientar por meras probabilidades, fato que ele não ignorava, como ele deixou transparecer em muitos lugares, pois falou nestes termos: *Principium Philosophiae esse scientiam, prudenterque Academicos à rebus incertis assensionem cohibuisse*. Com tudo isso, aquela liberdade de promover e defender a simples probabilidade abriu um amplo campo à sua eloquência e permitiu-lhe persuadir [acerca de] tudo que quisesse. Ele também expressava que isso [o auxiliaria] a saber lidar melhor com a retórica, que faria um intercâmbio vantajoso com a Academia, caso conseguisse dela esse consentimento: *cum hoc genere Philosophiae quod nos sequimur*, disse ele, falando de sua nova Academia, *magnam habet Orator societatem: subtilitatem enim ab Academia mutuatur, et illi vicistim reddit ubertatem*. Mas nem os acadêmicos de Platão, nem a maioria dos outros filósofos nunca consentirão que se recebasimples probabilidades em matéria de ciência; e nisto Cícero passa a seguir na companhia dos dogmáticos¹⁹⁷, não somente ele não fala como líder da Academia, senão mesmo como um simples acadêmico, de modo que sua Academia seria, no máximo, uma Academia de retórica,

¹⁹⁶ Lit.: *de sorte que pour dire vray, on ne les doit regarder que comme des Disciples en peinture*. Optamos em traduzir *en peinture* (“numa pintura”, “numa tela” ou “num quadro”) por “uma ficção”, dado o par correlato de sentidos com a palavra “verdade” (*vray*, ou na atual ortografia, *vrai*).

¹⁹⁷ Lit.: *et en cela Ciceron commence à aller le train des Dogmatistes*.

e não da filosofia. Mas talvez não fosse sua pretensão que houvesse ciência baseada em probabilidades - assim o quero -, mas ele também deve reconhecer que, em matéria de filosofia, busca-se somente a ciência, e quando não se faz questão de tê-la, deixa-se de agir como filósofo. E foi também isso que ele próprio reconheceu: *principium Philosophiae esse scientiam, prudenterque Academicos à rebus incertis assentionem cohibuisse*. Qual é essa Academia onde não se segue as leis fundamentais? E o que se pode ganhar com a simples verossimilhança ou a probabilidade, senão pensamentos duvidosos que, hoje, possuem uma grande aparência de verdade e que, amanhã, estarão equivocados? Mas, o quão Cícero estava persuadido da ausência de peso em todas essas aparências incertas! Vejamos como ele fala sobre isso: *Quod est igitur istud vestrum probabile? Nam si quod cuique occurrit et primo quase aspectu probabile videtur, id confirmetur: quid eo leuius? Sin ex circumspectione aliqua et accurata consideratione, quod visum sit id se dicant sequi; tamen exitum non habebunt*, porque, afinal, acrescenta ele, mesmo que se faça todas as reflexões que se é capaz de fazer, ainda assim não se pode estar seguro de não estar sendo enganado: *ut cum omnia fecerit, diligenterque circospeixerit, existat aliquid, quod et verisimile videatur, et absit longissime à vero*.

[§57] Cícero, porém, achava que os acadêmicos se empenharam para encontrar o *critérium* ou a marca distintiva da verdade¹⁹⁸. Eu espero que ele tenha tido essa opinião dos acadêmicos; entretanto, disso não se conclui que os acadêmicos tivessem concordado ser possível guiar as ações práticas com base simplesmente na verossimilhança em matéria de ciência. Pois não há dúvida de que eles apelaram para a suspensão do julgamento. Contudo, não é correto afirmar que os acadêmicos tivessem se desesperado em reconhecer as verdades certas. Foi isso o que já demonstramos e o que vamos reconhecer ainda mais obviamente em seguida.

[§58] Pode-se dizer que Cícero, talvez por algum tipo de modéstia, chamava apenas de *provável* o que se tomava como *certo*. Porém, uma primeira questão é que não é necessário falar de maneira contrária à verdade por conta de alguma modéstia ou humildade de qualquer tipo, pois onde quer que se tenha alguma dificuldade, seja tomando-se como certo aquilo que não passa de duvidoso, seja considerando duvidoso o que é certo, essa dificuldade sempre será suficiente para impedir o discernimento entre as coisas que conhecemos daquelas que desconhecemos. Uma segunda coisa é se enganar neste discernimento por algum tipo de mal entendido ou acidente. E, uma terceira coisa, é professar que se comporta de uma certa maneira, a qual, entretanto, deveria ser rejeitada; e Cícero quer que lhe seja permitido fazer afirmações concernentes ao que será apenas verossímil: *Nobis nostra Academia magnam licentiam dat ut quodcumque maxime probabile occurrat, id nostro jure liceat defendere*. Eis aqui, pois, uma extraordinária licença. Em síntese, ou se deve considerar a Academia de Cícero como diferente daquela ocupada pelos filósofos que o precederam, ou não. Se é, pois, diferente, por que querer reduzi-la às leis das outras Academias? E se não há diferença, por que, então, ele a vê como nova?

[§59] Reconheço que Platão propôs as verossimilhanças e a simples probabilidade, mas ele as propôs simplesmente como conjecturas e com o intuito de mostrar se se poderia provar sua falsidade, dando-lhes tão somente o crédito da dúvida e assim as identificando. Porém, quando Cícero nos oferece ideias como se fossem duvidosas, mas que ele acreditava serem certamente verdades, [quer dizer], quando nos leva a admitir duvidosamente o que ele pensa ser certo, não o faz para obscurecer a verdade, sob a aparência de mentiras; e nos lançando em uma confusão do espírito, acostumando-nos a nos enganar e a nos deixar levar pelo brilho das

¹⁹⁸ Lit.: *la marque certaine de la vérité*.

palavras: mas, como disse Platão, essa conduta é extremamente perigosa: *periculosum est sapientem, sequi, suaque, nominibus credere.*

[§60] Seria desejável que tivéssemos tudo o que este grande orador romano escreveu sobre questões acadêmicas, mas, como bem se sabe, perdemos boa parte, e que o livro dedicado a Varrão, no qual aborda esse assunto, está incompleto. No entanto, estas são perdas que já foram lamentadas ao longo de muito tempo. Mesmo assim, ao se examinar, nas obras que dele nos restam, tudo o que é dito sobre os acadêmicos, veremos que há alguma razão para duvidar se ele pensou que os acadêmicos tinham a esperança de encontrar algum conhecimento. E não devemos ficar deveras surpresos por ele não ter falado de maneira decisiva sobre suas opiniões, pois supondo, como eles fizeram, que era impossível compreender as coisas que estão fora de nós, não somente pelos sentidos, comotambém pelo entendimento, não haverá quem consiga adivinhar em que consiste o *criterium* deles, nem sondar as profundezas de suas opiniões, sem exaurir todas as reflexões necessárias no que tange à natureza das ideias, e isto ninguém fez, nem mesmo este autor, nem os estoicos, nem muitos outros filósofos. Por fim, caso fosse verdade que os acadêmicos pensavam que nada poderia ser conhecido com certeza, Cícero os teria desculpado de acordo com essa hipótese, pois ele os defendera muito bem das maiores objeções, que os filósofos comuns costumavam fazer contra eles em questões de moral.

CAPÍTULO XIV

De Santo Agostinho em relação aos acadêmicos

[§61] Expliquei-me bastante sobre as opiniões que este padre teve dos Acadêmicos em minha *Apologia*, e apenas observarei aqui que ele poderia ser mais considerado um líder da Academia do que Cícero: pois, (i) assim como aqueles filósofos, ele rejeitou o julgamento dos sentidos e, (ii) como eles, também desejou que as verdades do intelecto pudessem ser descobertas, de modo que, se formos cautelosos, veremos que, em seu livro dedicado aos acadêmicos, ele contestou falsas opiniões que o vulgocostumavalhes reputar, e que ele o faz pelas opiniões reais que eles tinham. Poderíamos, portanto, olhar para esse padre não apenas como um simples acadêmico, no que diz respeito à filosofia, mas também como líder da Academia, pois ele empreendeu uma redução das opiniões dos acadêmicos ao cristianismo. E se nós concedemos essa qualidade a Antíoco por ter reduzido a doutrina dos acadêmicos à de Platão, podemos igualmente concedê-la a Santo Agostinho, uma vez que ele reduziu a de Platão à da Sabedoria Eterna, que foi revelada aos homens pelo ministério dos Patriarcas e dos Profetas, dos quais se acredita que este primeiro acadêmico - [ou seja, Platão] - havia extraído suas opiniões. Além disso, pode-se observar que Santo Agostinho relatava que seguia todas as leis dos acadêmicos, como já provei em minha *Apologia* e, sobretudo, a primeira delas, da qual derivam todas as outras leis. *Nolite putare*, disse ele¹⁹⁹, tão positivamente como nenhum acadêmico jamais dissera, *vos veritatem in Philosophia invenisse, nisi ita didiceritis saltem, ut nostis unum, duo tria collecta in summa, fieri decem.* Acrescentemos que ele teve discípulos e que professou o ensino da retórica e da Filosofia, sem falar que sua lógica foi aquela que se interpretou publicamente nas escolas cristãs até antes de se dar início ao ensino da lógica de Aristóteles.

¹⁹⁹ Lib. 2. *De Academicis*. (Nota do autor).

CAPÍTULO XV

Sobre o Sr. Descartes, a saber, se devemos considerá-lo um acadêmico

[§62] Este filósofo rejeitou o julgamento dos sentidos do mesmo modo que os acadêmicos também rejeitaram, estando com eles, neste ponto, em comum acordo, e isto pode ser visto em sua primeira *meditação metafísica*²⁰⁰. Além disso, ele se propôs a seguir o método dos acadêmicos, pois era esse método o que ele realmente gostaria de seguir, como mostrei em minha *Apologia*. De fato, ele gostaria, à semelhança dos acadêmicos, que se começasse por retificar e esclarecer as ideias primeiras, em matéria de Ciência, filosofando por meio de meditações, à maneira de Platão. E, seja como for, ele parece se contentar com as simples verossimilhanças advindas da Física, comparando sua maneira de filosofar sobre os fenômenos da natureza a uma decodificação, e, por esta razão, ele não abandonou a Academia, pois os acadêmicos toleravam a proposição de hipóteses e conjecturas, desde que elas não fossem tomadas como um conhecimento certo, mas apenas como ensaios. E eu acho que ele não propôs suas conjecturas físicas como algo demonstrável; ao menos eu sei que o Sr. Rohault²⁰¹ não as viu desse modo, ou seja, como se tivessem alguma aparência de solidez. Seja como for, eles se enganaram ao tomar como demonstrável o que era meramente verossímil, e isso acontecia somente porque se confundiam acidentalmente, sendo sua intenção apenas guiar-se por meio de demonstrações. É verdade, no entanto, que o Sr. Descartes ao falar, algures, dos acadêmicos, se baseou nas opiniões do vulgo, mas isso não o impede de ser um acadêmico de fato, mesmo não tendo recebido esse título, e nem observado integralmente aquelas regras, às quais se propusera seguir. Quase poderia dizer o mesmo de vários outros filósofos ilustres de nossos dias, pois basta querer seguir as leis que os acadêmicos professavam seguir para serem supostamente considerados acadêmicos.

CAPÍTULO XVI

Sobre alguns autores que falaram dos acadêmicos de acordo com as opiniões vulgares

[§63] Aulo Gélíio parece comparar os acadêmicos aos jardineiros que, ao invés de cortar apenas os ramos inúteis das árvores e arrancar as ervas daninhas, cortavam e arrancavam tudo pela raiz. Assim, os acadêmicos, seguindo este autor, querendo extirpar os erros e os preconceitos, teriam destruído todos os tipos de ciências. Mas, além de não ser verdade que os acadêmicos tenham exterminado tudo, como diziam os dogmáticos, foram eles que deram um uso racional às probabilidades e às verossimilhanças, como reconheceremos mais adiante.

[§64] Arriano²⁰², comentador de Epicteto, dá-se a liberdade de zombar dos acadêmicos, sobre o que eles rejeitaram o julgamento dos sentidos, e diz que se

²⁰⁰ Trata-se do livro de René Descartes, *Meditações sobre a Filosofia Primeira (Meditationes de prima philosophia, in qua Dei existentia et animæ immortalitas demonstratur)*, de 1641.

²⁰¹ Jacques Rohaut (1618-1672), um cartesiano que introduziu Foucher ao ensinamento de Descartes, e com quem participou do círculo dos cartesianos quando de sua chegada em Paris.

²⁰² Arriano, ou Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, ou *Lucius Flavius Arrianus Xenophon* (ca. 92-175), historiador romano comentador de Epicteto que falava e escrevia em grego, e cujos trabalhos têm importância histórica para o conhecimento dos relatos sobre o rei macedônico Alexandre, o Grande.

tivesse sido servo de um acadêmico, teria lhe dado um pote com urina no lugar de tisana²⁰³, e que teria feito mil outras peripécias²⁰⁴, a fim de ensinar seu mestre a respeitar o julgamento dos sentidos. Porém, vê-se claramente que esse autor não entendeu muito bem as opiniões dos acadêmicos, e que ele se comporta em relação a estes como alguém que, para provar aos céticos que o fogo é quente em si mesmo, basta aproximá-los da chama, e caso eles ainda o neguem, que os joguem de vez às labaredas! Na verdade, esses são raciocínios de última fraqueza, pois os acadêmicos, assim como os céticos²⁰⁵ não negaram que o fogo era capaz de aquecê-los, mas apenas duvidaram de sua natureza, e disseram que não sabiam se a qualidade²⁰⁶ que o fogo tem de fazer aquecer era semelhante à sensação de calor que nos excita. A mesma coisa pode ser dita de todos os outros objetos sensíveis. No entanto, lamento que Arriano tenha assim se empenhado em atacar os acadêmicos, ele que, por outro lado, disse coisas muito boas, que seu mestre Epicteto tinha extraído de Sócrates e até de nossos filósofos.

[§65] Pico, Senhor de Miranda ou Mirandola, acreditava ter feito muita honra aos acadêmicos, mostrando que eles concordavam melhor com a religião cristã do que os outros filósofos, à medida que ele pretendia que os acadêmicos tivessem sustentado que seria impossível reconhecer pela luz da razão qualquer verdade constante; penso, porém, que os acadêmicos não teriam aceitado essa honra de tal forma, pois eles não negavam que verdades constantes não poderiam ser reconhecidas; e posto isso, [os acadêmicos] concordavam ainda melhor com o Cristianismo do que com a maneira pretendida por Pico. Isto é o que se pode reconhecer em Santo Agostinho, que os reduz à opinião de Platão e, assim, os aproxima do Cristianismo por um caminho totalmente oposto ao de Pico de la Miranda; até que o mesmo Santo Agostinho escreveu três livros²⁰⁷ contra as opiniões que este autor atribui aos acadêmicos.

[§66] Finalmente, se encontrarmos, em qualquer que seja o autor, algumas coisas contra os acadêmicos, devemos assegurar que nesses lugares se supõe que eram tais como os dogmáticos as descreveram, e que nisto nós os interpretamos de acordo com a opinião do vulgo; pois, em quase tudo, são poucas as pessoas que se dão ao trabalho em defendê-los e que quase nenhum esforço se faz em [querer] saber quando a justiça lhes é feita. Mas permito que se pense se existe algo a dizer de modo razoável contra os filósofos, [os quais] não pretendem, de nenhum modo, reconhecer a ciência sem demonstrações e que, fazendo profissão de buscar a verdade, o fazem sem cessar, até que a tenham encontrado de maneira evidente, conduzindo-se pelas leis divinas e humanas, e não por seu próprio sentido, porque eles não pensam que devem se apoiar sobre raciocínios duvidosos.

²⁰³ Lit.: *il auroit apporté un pot d'urine pour un pot de ptisanne*. É considerada “tisana” (*ptisanne*) qualquer tipo de bebida preparada a partir da infusão de ervas medicinais (folhas, flores, cascas, raízes, frutos etc.), com finalidade terapêutica. No Brasil e em Portugal, o vocábulo “chá” é usado genericamente para designar diversos tipos de tisana (erva doce, camomila, cidreira, boldo, chá verde, chá preto, hortelã, chá mate, ayahuasca etc.), embora o chá (termo originário do idioma chinês, cujo uso social da bebida remonta à Dinastia Tang [618 - 907]) seja um tipo específico de tisana feita exclusivamente da *Camellia sinensis*, espécie de planta da família *Theaceae*, nativa das florestas do nordeste da Índia e do sul da China.

²⁰⁴ Lit.: *et qu'il auroit fait mille autres tours*.

²⁰⁵ Notar que Foucher distingue os *céticos* (provavelmente os associa a Sexto Empírico) dos *acadêmicos*.

²⁰⁶ Lit.: *la vertu*.

²⁰⁷ Certamente uma referência à obra de Santo Agostinho, *Contra os Acadêmicos*, composto de três livros.

[§67] Eis aqui o que acredito ser necessário dizer no tocante aos fatos históricos de nossos acadêmicos. Em que vemos que todos eles seguiram a maneira de filosofar de Platão, de quem os escritos nos chegaram em melhor ordem e mais completos do que os [escritos] de todos os outros [autores] antigos.

Referências bibliográficas:

- AULI GELLI. *Noctes Atticae*. Londini: Curanti et Imprint A. J. Valpy, A. M. 1824.
- BAILLET, Adrien, *La Vie de Monsieur Descartes* (Paris: Daniel Horthemele, 1691). Parte II, 439.
- BRITO, R. P.; DINUCCI, A. L. (2019). Tradução de Diógenes Laércio, *Vitae Philosophorum*, Livro IV (Sobre os Acadêmicos). *Archai* 25, e02508.
- BRITO, R. P. *A sucessão de Pirro e a transmissão de seu arcabouço conceitual*. In Anais de Filosofia Clássica (Revista Eletrônica), Vol. 7, nº 13, 2013.
- _____. *Notas sobre a 'Vida de Pirro'*. PROMETEUS - Ano 7 - Número 16 - Julho/Dezembro, 2014.
- _____. *Notas sobre a "Vida de Pirro"*. In Prometeus – Revista Eletrônica do Mestrado em Filosofia/UFS - Cátedra Unesco/Archai, Vol. 7 – Ano 7 – Nº 16, Ano: Jul. a Dez. 2014.
- BROCHARD, Victor. *Os Céticos Gregos*. Trad. Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.
- BURY, R. G., *Outlines of Scepticism*, Vol. 1, Harvard University Press, 1967.
- CÍCERO, *Academicas*; et *De Finibus Bonorum et Malorum*. In *Textos Filosóficos* [Tradução Do latim, introdução e notas de J. A. Segurado e Campos]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.
- COSTA, Rogério Soares da. *Panorama Histórico-conceitual do Ceticismo Antigo*. In Prometeus – Revista Eletrônica do Mestrado em Filosofia/UFS - Cátedra Unesco/Archai, Vol. 7 – Ano 7 – Nº 16, Ano: Jul. a Dez. 2014.
- DESGABETS, Robert. *Critique de la Critique de la recherche de verité, ou l'on découvre de chemin qui conduit aux connoissances solides. Pour servir de réponse à la Lettre d'un académicien*. Paris: Jean Du Puis, 1675.
- DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, [por Antenor Nascentes]. - 1ª ed., 2ª tiragem - Rio de Janeiro, 1955.
- DICIONÁRIO GREGO-PORTUGUÊS E PORTUGUÊS-GREGO. 4ª edição - Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1969.
- DICIONÁRIO LAROUSSE - FRANCÊS/PORTUGUÊS, PORTUGUÊS/FRANCÊS: Mini / [coordenação editorial José A. Gálvez]. - 2ª ed. - São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.
- _____. INGLÊS/PORTUGUÊS, PORTUGUÊS/FRANCÊS: Mini / [coordenação editorial José A. Gálvez]. - 2ª ed. - São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vida e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: EditoraUnB, 2008.
- DORANDI, Tiziano. “A la recherche du texte perdu”: *The Manuscript Tradition of Diogenes Laertius' Lives of the Eminent Philosophers*, p. 1049-62, In *Lives of the Eminent*

- Philosophers – Diogenes Laertius*. [trad. Pamela Mensch – Editado por James Miller], Oxford University Press, 2018 [A].
- _____. *Diogenes Laertius in Latin*, p. 1076, In *Lives of the Eminent Philosophers – Diogenes Laertius*. [trad. Pamela Mensch – Editado por James Miller], Oxford University Press, 2018 [B].
- EUSEBIUS OF CAESAREA, *Praeparatio Evangelica (Preparação para o Evangelho)*. Tr. E. H. Gifforf, 1903.
- FLORIDI, Luciano. *SEXTUS EMPIRICUS, The Transmission and Recovery of Pyrrhonism*. Luciano Floridi, Oxford University Press, 2002. (Vol. 46).
- FÓCIO, *Bibliothèque*. Trad. R. Henry. Paris: Les Belles Lettres, 1959.
- FOUCHER, Simon. *Dissertation sur la recherche de la vérité, contenant l'apologie des academiciens, où l'on fait voir que leur maniere de philosopher est la plus utile pour la religion, et la plus conforme au bon sens, pour servir de Réponse à la Critique de la Critique, etc. avec plusieurs remarques sur les erreurs des sens et sur l'origine de la philosophie de Monsieur Descartes*. Paris: Estienne Michallet, 1687. Referida como *Apologia*.
- _____. *Dissertations sur la recherche de la vérité, contenant l'histoire et les Pirncipes de la philosophie des academiciens, avec plusieurs réflexions sur les sentimens de M. Descartes*. Paris: Jean Anisson, 1693.
- _____. *Dissertations sur la recherche de la vérité, ou sur la logique des academiciens*. Dijon: publicado anonimamente, 1673. Referida com *Lógica*.
- _____. *Nouvelle dissertation sur la recherche de la vérité, contenant la Reponse a la Critique de la Critique de la Rechercher de la vérité, où l'on découvre les erreurs de dogmatistes, tant anciens que nouveaux, avec une discution particuliere du grand principe des cartesiens*. Paris: Robert de la Caille, 1679.
- _____. *Réponse pour la Critique à la Preface du second volume de la Recherche de la vérité, où l'on examine le sentiment de M. Descartes touchat les idées, avec plusieurs remarques pour les sciences*. Paris: Charles Angot, 1676. Referida como *Resposta*.
- HUGUENIN, R; BRITO, R. P. (2019). *Sexto Empírico e as diferenças entre o Pirronismo e a filosofia dos Acadêmicos: Tradução e Esboços Pirrônicos 1.220-235*. *Archai* 27, e02711.
- LONG, A. A; SEDLEY, D. N. *The Hellenistic Philosophers: translation of the principal sources, with philosophical commentary*, 2 vols. Cambridge University Press, 1987.
- MALEBRANCHE, Nicolas. *A busca da verdade (textos escolhidos)/ Seleção, introdução, tradução e notas de Plínio Junqueira Smith*. – São Paulo: Discurso Editorial, 2004.
- MARCONDES, Danilo. *Montaigne, a descoberta do Novo Mundo e o Ceticismo Moderno*. In *Kriterion*, Belo Horizonte, n° 126, Dez./2012 (pp. 421-433).
- _____. *Raízes da dúvida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- NOUVEAU PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉ. *Dictionnaire encyclopédique*. Libraire Larousse: Paris VI, 1952.
- PAPILLON, l'Abbé. *Bibliothèque des Auteurs de Bourgogne*. Par feu M. l'Abbé PAPILLON, Chanoine de la Chapelle au Riche de Dijon, (Tomo I, de A-L), publié par Philippe-Louis Joly, 1745. (Artigo sobre Simon Foucher, pp. 222-5).
- POPKIN, Richard H. *L'abbé Foucher et le problème des qualités premières*. In: "Bulletin de la Société d'Étude du XVII^e Siècle", N° 33 (1956), pp. 633-47.
- PORCHAT PEREIRA, O. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: EDUNESP, 2007.
- RABBE, Félix. *Étude Philosophique, L'abbé Simon Foucher chanoine de la Sainte Chapelle de Dijon*. Paris: Didier et Cie., 1867.

- SCHMITT, Charles B. *Cicero Scepticus: a study of the influence the Academica in the Renaissance*. (Archives Internationales d'Histoire des Idées). Springer Science+Business Media, B.V., 1972.
- SEXTO EMPÍRICO. *Contra os retóricos*. Tradução, apresentação e comentários Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto de Brito. – São Paulo: EDUNESP, 2013.
- _____. *Contra os gramáticos*. Tradução Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto de Brito; apresentação Ana Paula Grillo El-Jaick, Fábio da Silva Fortes; comentários Aldo Lopes Dinucci... [et al.] – 1ª ed. – São Paulo: EDUNESP, 2015.
- _____. *Contra os astrólogos*. Tradução Rafael Huguenin e Rodrigo Pinto de Brito; comentários Cristina de Amorim Machado. – São Paulo: EDUNESP, 2019.
- _____. *Esboços Pirrônicos I, 1 - 30*. (Tradução, introdução e notas de Rodrigo Pinto de Brito, Rafael Huguenin e Plínio Smith), 2018. <Disponível em [126](https://www.academia.edu/36613272/TRADU%C3%87%C3%83O_DE_SEXTO_EMP%C3%8DRICO_ESBO%C3%87OS_PIRR%C3%94NICOS_I_1-30_BIL%C3%8DNGUE_GREGO_PORTUGU%C3%8AS_E_ESPELHADA_Greek_Portuguese_Translation_of_Sextus_Empiricus_Outlines_of_Pyrrhonism_I_1-30_Bilingual_with_introduction_and_notes_PUBLISHED_in_2018_>.</p><p>SILVA, Amós Coelho da. & MONTAGNER, Airton Ceolin. Dicionário Latino-Português, 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.</p><p>SKVIRSKY, Alexandre Arantes Pereira. <i>O ceticismo é uma 'doutrina da dúvida'? a introdução da dúvida no ceticismo renascentista</i>. Tese (doutorado). Orientador: Danilo Marcondes de Souza Filho. – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2015.</p><p>SMITH, P. J. <i>Uma visão cética de mundo</i>. São Paulo: EDUNESP, 2018.</p><p>WATSON, Richard A. <i>Capítulo 2. Simon Foucher (1644 – 1696)</i>. In: “The Downfall of Cartesianism (1673 – 1712): a study of epistemological issues in late 17th century cartesianism”. Martinus Nijhoff – The Hague – Netherlands – 1966.</p></div><div data-bbox=)